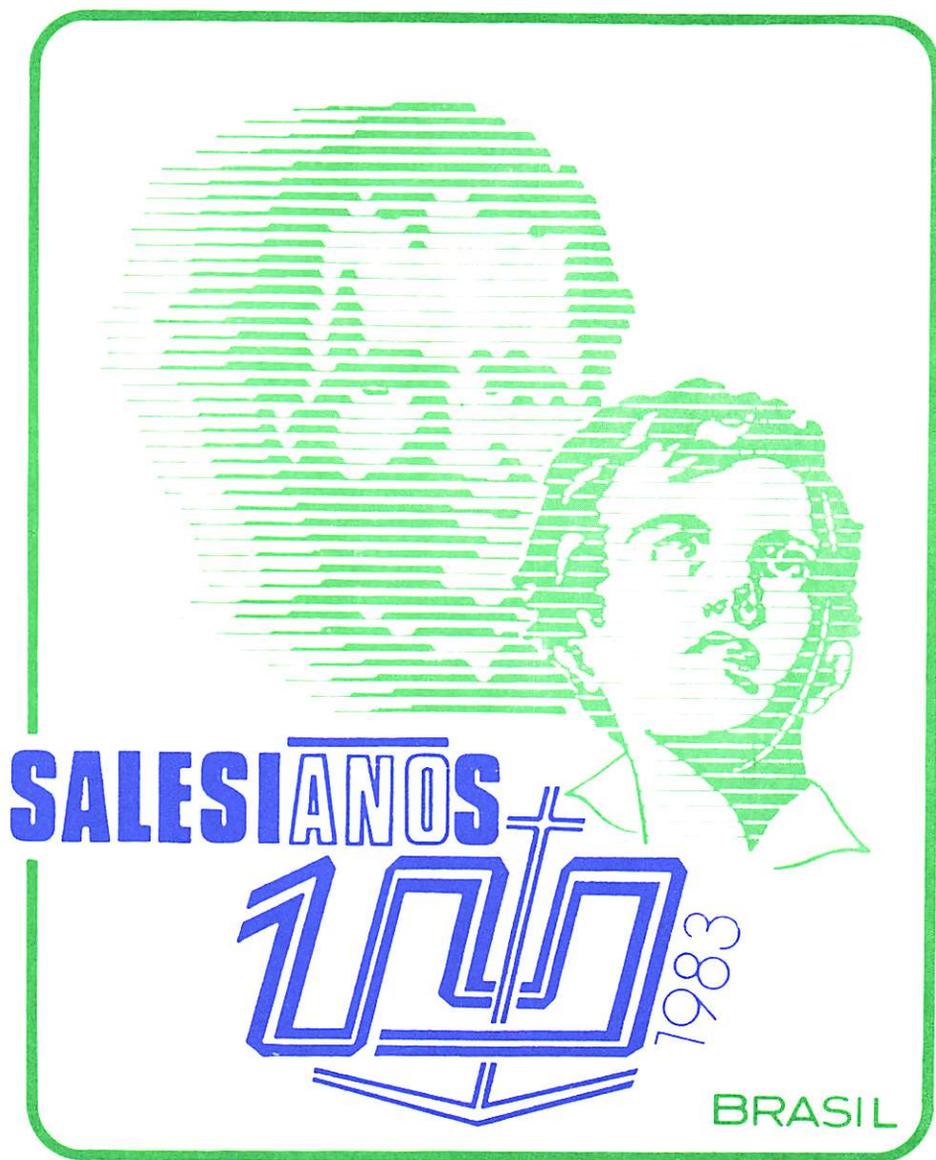


CENTENÁRIO em FOCO

salesiano Nº8 – FEVEREIRO, 1983



somos dom bosco que caminha!

CENTENÁRIO SALESIANO EM FOCO
Revista Mensal
do Centenário da Obra Salesiana no Brasil

(Circulação interna para a Família Salesiana - de 1982 a 1983)

Redator Responsável

P. Pedro Falcone - Coordenador do Centenário

Endereço: Rua Santa Rosa, 207

24240 Niterói, RJ

Fone: (021) 711-6762

Av. 31 de Março, 435

Caixa Postal 205

30000 Belo Horizonte, MG

Fone: (031) 332-5766

Lay-out, Diagramação, Revisão

P. Arthur Roscoe Daniel

Composição Eletrônica, Fotocomposição

Maria Geralda de Freitas

Impressão, Encadernação, Plastificação, Expedição

José Júlio Correa dos Santos

Lázaro Rodrigues de Sousa

Fotolito

Sérgio Geraldo Miconi

Inspetoria São João Bosco

Endereço: Av. 31 de Março, 435

Coração Eucarístico

30000 Belo Horizonte, MG

Capa

P. José Ailton Trindade

Endereço: Escola Salesiana São José

Av. Almeida Garret, 267

13100 Campinas, SP

Fone: (0192) 41-2188

EDITORIAL

FEVEREIRO.

- 01 – **Centenário Salesiano em foco** nos convida a refletir desta vez sobre **VOCAÇÕES**.
Realmente um problema de vastas proporções e de importância vital para a Igreja e para a Congregação.
“Vedes como o número dos Ministros do Senhor diminui cada dia, em proporção deveras espantosa” — dizia Dom Bosco aos cooperadores em 1878. Ele não ficou de braços cruzados. Antes trabalhou prodigiosamente e deu inúmeros sacerdotes e religiosos à Igreja e à Congregação.
- 02 – “Deus chamou a pobre Congregação Salesiana a promover as vocações eclesíásticas entre a juventude pobre e de baixa condição”, — dirá no fim de sua vida; e, para encorajar os jovens e suas famílias a serem generosos com o Senhor repetia: “Quando um filho deixa o lar para seguir a vocação, Nosso Senhor toma o seu lugar na família”; e “um filho sacerdote é o maior presente que Deus pode dar à família”.
- 03 – **“VOCAÇÕES: impasse ou desafio.”** do Padre Marcello de Carvalho Azevedo, nos leva, sem dúvida, a sérias reflexões e questionamentos. Pedimos que colaborem conosco, respondendo o mais possível ao questionamento vocacional anexo.
Sua colaboração será de grande valia.
- 04 – Neste número verificarão a ausência de notícias referentes à vivência do Centenário pelas Inspetorias... Será verdade mesmo que nas mais de 200 casas salesianas semeadas pelo Brasil (SDB e FMA) já foi esquecido o Centenário? ou será apenas falta de “escribas” que transmitam por escrito as grandes “gestas” em andamento?
- 05 – Um dos objetivos da celebração do nosso Centenário é refletir sobre **A presença educadora de Nossa Senhora Auxiliadora na Obra Salesiana e o relacionamento da sua devoção pelo Brasil...**
O que foi programado na sua Casa ou na sua Inspetoria? Quais as iniciativas para isso? O que sugere.
- 06 – **“CENTENÁRIO** aguarda sua resposta e antecipadamente agradece sua colaboração.

A Redação

VOCAÇÕES: IMPASSE OU DESAFIO?

P. Marcello de C. Azevedo, SJ

Após vários anos de redução drástica no número de vocações ou, pelo menos, no seu acesso aos centros de formação, registra-se agora uma retomada, um pouco por toda parte. Alguns seminários diocesanos voltaram às marcas dos anos 50 ou até as superaram. Congregações religiosas vivem também o reflorcer de noviciados.

Desejaria refletir com o leitor sobre alguns aspectos de observação ou perplexidade, que tenho visto surgir em reuniões e encontros de vários níveis: provinciais, de formadores ou de jovens religiosos(as).

UMA RESPOSTA RELATIVA

O presente incremento vocacional poderia gerar uma expectativa falaz, se nele se visse resposta adequada à necessidade proporcional de sacerdotes e religiosos no Brasil. Esta falsa esperança só se explicaria se a análise fosse limitada a esta única variável: o número de vocações hoje, comparado à escassez dos anos 60 e 70. É claro que uma avaliação a partir deste dado exclusivo estaria trabalhando com uma dimensão importante. Mas, esta seria de todo insuficiente para uma justa apreensão global do problema.

Segundo o censo de 1980, a população do Brasil supera os 119 milhões de

habitantes a uma taxa de crescimento que oscila entre 2,3 e 2,7%. Se, para efeito de cálculo, operamos com a cifra redonda de 120 milhões e com o índice médio de 2,5%, temos um acréscimo anual de 3 milhões de novas vidas brasileiras. Descontado o percentual de mortalidade sob qualquer título (infantil, natural, acidental e violenta), há um resíduo de acréscimo anual que gira em torno de 2 milhões. Neste quadro demográfico, afigura-se já extremamente difícil manter uma proporção conveniente de sacerdote ou religioso por habitantes e até mesmo por habitantes católicos.

Mas estes dados são ainda agravados por dois aspectos complementares: um, de cunho geográfico-demográfico e outro, de caráter histórico.

O primeiro, tem uma dupla face paradoxal. Por um lado, as imensas distâncias, sobretudo do nosso interior, limitam o alcance da presença sacerdotal quantitativa (presença rara e intermitente) e qualitativamente (presenças de pessoas heróicas, mas quase sempre sobrecarregadas, desgastadas, envelhecidas, cansadas e sem condições de um reabastecimento restaurador). Por outro lado, o considerável aumento das áreas metropolitanas, resultado do êxodo rural ou do aquecimento imobiliário, concentra, nas áreas restritas das

grandes cidades, populações imensas, heterogêneas, que alteram radicalmente as previsões que presidiram às criações dos limites paroquiais.

E existe ainda a componente histórica. Em diversas fases de sua vida nacional, o Brasil foi afetado na formação de seus quadros sacerdotais e religiosos. Este fenômeno começa pela expulsão dos Jesuítas, em 1758. Eles eram então no país uma presença forte, ao longo de boa parte do território utilizado e com incidência sobre dois fatores multiplicadores: a educação do povo e a formação do clero. Embora trabalhassem no Brasil outras Ordens e Congregações, na faixa missionária e pastoral propriamente dita houve uma baixa significativa no processo de evangelização, sobretudo nas duas áreas, a da educação e da formação do clero.

Este lapso protraiu-se por quase um século, até o advento das Congregações jovens do século 19, sobretudo femininas, e a vinda dos Lazaristas, combinada com a criação ou restabelecimento de alguns seminários diocesanos.

A República incipiente também dificultou ou simplesmente impediu a criação de noviciados religiosos no Brasil. Bloqueou, assim, a retomada do incremento religioso que começara a desenhar-se após hiato secular.

Neste meio tempo, fez-se forte a pressão demográfica. O Brasil, que entrou neste século com 18 milhões de habitantes, iria contar com cerca de 40, no censo de 1940, 60 no de 1950, 80 no censo de 1960, 100 no de 1970 e 120 no censo de 1980. Em cada 10 anos, pois, aumentamos, em números redondos, em cerca de 20 milhões de pessoas.

Em termos, porém, de incidência vocacional, aquelas lacunas históricas foram factualmente irreparáveis. Há, portanto, uma defasagem de raízes fundas que é de todo irrecuperável quantitativamente e que continua sendo agravada, como mencionamos, ao sublinhar a componente geográfica-demográfica.

O advento das imigrações de italianos, alemães e poloneses para o sul do país, trazendo consigo seus próprios sacerdotes, no último quarto do século 19 e nos inícios deste, iria ser um dado alvissareiro, perceptível anos depois na posição sadia do clero religioso e secular nos Estados do sul. Em termos globais de país, porém, este fator está longe de ter equilibrado a situação.

Esta, por sua vez, se viu de novo abalada, agora por razões intrínsecas à própria Igreja, com a notória sangria vocacional que se produziu nas décadas de 60 e 70, em conexão com os processos de reajustamento eclesial que se seguiram ao Concílio Vaticano II.

Este rápido vôo sobre alguns fatos conexos com o problema vocacional no Brasil poderia ser ainda completado com um breve aceno à política vocacional que predominou até há poucas décadas em algumas Congregações Religiosas masculinas e femininas. Havia em muitas, por um lado, o preconceito da inadequação dos brasileiros aos requisitos e exigências da vida religiosa, quer no que ela tem de estrutural, quer nas modalidades assumidas em matrizes européias e transplantadas como imperativas para este país. Além de uma formação inteiramente vazada em moldes culturais estranhos à nação, iniciada, às vezes prematuramente, fora daqui, havia a resistência tácita à vocação da

“INTERMEZZO” NACIONAL

terra. No caso do sul do Brasil, verificou-se, por algum tempo, uma restrição quase que só às confiáveis etnias de imediata extração europeia.

Este aspecto encontrou por outra via a sua réplica nas imensas extensões da Amazônia e de outros pontos do Brasil. A possibilidade, até a década de 60, de um fluxo constante e regular de missionários de regiões férteis, como Itália, Espanha e Estados Unidos e as frágeis condições das populações autóctones, em termos de sua aptidão física, social e cultural, para a vida sacerdotal e consagrada, levaram muitas dioceses (prelacias) e congregações à monocultura religiosa: o bispo, os sacerdotes e as religiosas de um determinado território eram supridos pela mesma congregação e a partir de um mesmo país. Talvez não houvesse, de fato, outra solução. Não se pretende aqui avaliar o dado, mas apenas registrá-lo em função do tema que nos ocupa.

Registro, de resto, que se não pode fazer, sem um voto de admiração e de gratidão, pois que a presença destes homens e mulheres consagrados a Deus e ao povo brasileiro foi selada pela oblação de muitas vidas, esquecidas do conforto de seus países, e embrenhadas em regiões inóspitas, presas fáceis de endemias tropicais, vividas, não raro, em silenciosa solidão espiritual e afetiva. No momento, porém, em que, já na década de 60 e mais na de 70, reduziu-se o reabastecimento de seus quadros a partir das regiões de origem, em consequência da baixa, também nelas, do índice vocacional, estas igrejas, prelacias ou jurisdições religiosas, encontraram-se num plano inclinado de irrecuperável declínio numérico.

Neste meio tempo e sobretudo a partir do divisor de águas que foram os anos 30 e da crescente industrialização do país no pós-segunda guerra mundial, o país não só se expandiu demograficamente. Por meio de projetos vários — que de novo não cabe aqui apreciar, mas apenas mencionar — o Brasil conheceu um processo acelerado de ocupação de espaços, através principalmente de quatro fatos:

— a implantação do plano rodoviário nacional de 1950 a 1970;

— a construção de Brasília e a consequente movimentação do Centro-Oeste e do Centro-Norte;

— os projetos de infra-estrutura, principalmente os de mineração e/ou siderurgia, — catalizando populações em cidades novas do tipo de Volta Redonda ou das do Vale do Aço em Minas (Monlevade, Acesita, Itabira, Coronel Fabriciano e Ipatinga) — e alguns portos, como Vitória, Tubarão e Paranaguá; macro-síntese de ambos, aí vêm vindo Carajás e Itaquí.

— as grandes ondas agro-pecuárias, a do café, improvisando um novo Paraná, a da soja e a do arroz, fluindo do Rio Grande do Sul e espraiando-se pelo Mato Grosso, do sul para o norte, e também a do gado, em escala industrial, ocupando espaços sem conta.

Todos estes filões se revelaram traumáticos em termos de erradicação de populações locais, de movimentação migratória por todo o país e de um desequilíbrio social e institucional de longo alcance.

“INTERMEZZO” ECLESIAL

Esta fase de inovação anárquica e incontrolável, 1940-1980, coincidiu com o surgimento e/ou incremento de dois fatores religiosos e sociais de grande repercussão para o problema que tratamos. O primeiro, muito acentuado nas regiões urbanas sobretudo litorâneas, é a explosão do espiritismo, sob suas diversas formas, ganhando progressivamente também o interior, através sobretudo da vinculação cultural afro-brasileira, potenciada pela música popular, pelo teatro, pela literatura, tudo posto ao alcance de todos pelos canais de comunicação social. O segundo foi a implantação e disseminação das seitas, de proveniência diversa, predominantemente americana. Com uma rede capilar elas lançaram logo raízes locais ao longo das novas fronteiras que se rasgavam no país, com as estradas ou com as cidades novas, criadas pelos projetos industriais ou energéticos e as que surgiam na esteira de Brasília, ou pontilhavam as periferias urbanas das *grandes cidades*.

Estes dois impactos — espiritismo e seitas — incidiram principalmente sobre populações de mais baixa renda e de escasso nível educacional, pelo menos num primeiro momento. Nas décadas de 50 a 80, produziu-se paralelamente, nas classes de maior poder e acesso mais direto à educação, um fenômeno de secularismo exacerbado e de esvaziamento religioso, de contestação consciente aos paradigmas de transmissão de conteúdos e orientações religiosas, sobretudo em questões ético-morais e/ou de culto. Este fator incidiu fortemente na diminuta mas multiplicadora camada de nível universitário e na implantação de uma rede tentacular de televisão, alienante e acrítica que se tornou rapidamente um poderoso fator de relativização ético-religiosa.

Se esbatemos contra este fundo sócio-cultural e religioso a concomitância histórica da conjuntura católica, vemos que o problema das vocações não só emerge grave pela sua vertente quantitativa, quanto se complica ainda mais pelo seu lado qualitativo. O Brasil passara de uma sociedade considerada quase monoliticamente católica para uma sociedade cada vez mais consciente e atuante em seu pluralismo religioso.

Nesta fase de 1940 a 1980, a Igreja Católica viveu, também internamente grandes transformações. Antes do Vaticano II, vale ressaltar a criação da Ação Católica e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A primeira dinamizou um laicato de valor, principalmente entre a classe média, com a presença, muito significativa ainda, da JOC, no meio operário. Não há negar, porém, que houve aqui mais intensidade do que extensão, porque, em proporção, a atividade intra-eclesial da Ação Católica não incidiu como um macro-fator sobre o todo do tecido social brasileiro.

Comparada às conferências de outros países, a CNBB tornou-se muito cedo aqui e já antes do Concílio, elemento de coordenação e catalização das unidades diocesanas, espalhadas por um vasto território, não raro inexpressivas e impotentes, na sua individualidade solidária.

Isto preparou no Brasil a profunda modificação da Igreja trazida com o Vaticano II e concretizada na América Latina e no Brasil, no sulco de Medellín e de Puebla. O que mais distingue esta fase é a mudança de lugar social da Igreja. Ela se

aproxima do povo, conhece-lhe a realidade e dela faz ponto de partida de sua ação evangelizadora, vindo a consagrar esta atitude em Puebla, na opção consciente e preferencial pela esmagadora maioria deste povo, que é de pobres.

A situação de injustiça estrutural da organização social de nossos países, o endurecimento da inspiração política de segurança nacional e a concepção econômica dominante ou exclusiva de seus modelos, atuaram como fatores a um tempo de conscientização e de ação da Igreja. De conscientização, por ela se ter dado conta da incompatibilidade de enfoques e, portanto, da necessidade de uma postura vigilante e crítica. De ação, por se encontrar com o imperativo de uma missão supletiva urgente, num quadro social anômalo, em que ela ficará como uma das poucas vozes dos muitos que não têm voz.

Esta ação na e da Igreja canalizou-se principalmente por dois dutos. Ao nível do povo, pela sua crescente participação ativa, que redundou na criação e implantação das Comunidades Eclesiais de Base, consideradas pela Igreja pós-Puebla como caminho privilegiado de evangelização. Ao nível da Hierarquia, pela articulação do Episcopado na CNBB, cujo vigor de presença e organização possibilitou tomadas de posição significativas no quadro nacional e potenciou, através de instrumentos e mecanismos de longo alcance, como os planos bienais, a Campanha da Fraternidade e outros, uma ação concertada em plano eclesial, apesar da compreensível discrepância de opinião e de métodos entre Bispos de um colégio episcopal particularmente heterogêneo e numeroso.

Convém acrescentar ainda a este pai-

nel um fato mais recente. Refiro-me ao surto de movimentos leigos, alguns mais antigos, outros menos, mas que, para efeito de nosso tema aqui, quero considerar apenas nos últimos vinte anos. Os nomes são muitos — Movimento Familiar Cristão, Equipes de Nossa Senhora, Encontros de Casais com Cristo, Encontro do Diálogo, Cursilhos, Renovação Carismática, Focolarini, Legião de Maria, Ação Católica renovada, Comunidades de Vida Cristã ou Congregações Marianas sob outra versão, Caritas, Sociedade de São Vicente de Paulo renovada e muitos outros, sem esquecer, por exemplo, a Escola de Pais, não confessional, nem movimento de Igreja, mas atuante na prática, em base a princípios cristãos.

Todos estes movimentos, recentes ou não, recrutam, de modo predominante embora não exclusivo, na classe média. O importante, porém, não é tanto este aspecto, mas sim o fato de que são todos eles grupos de leigos. Por outro lado, com maior ou menor intensidade, foram afetados pelo Concílio Vaticano II e, no Brasil, vão sendo sensíveis a alguns dos temas de Medellín e de Puebla. Deles têm saído, em vários níveis, muitos catequistas, ministros de Eucaristia, diáconos permanentes, colaboradores e assessores de Bispos e Sacerdotes.

Pela vertente destes movimentos conjugados com as já mencionadas Comunidades Eclesiais de Base, também elas sobretudo de leigos, temos um corte diagonal de intensa e crescente presença dos leigos na Igreja do Brasil, nas duas últimas décadas. Articulada esta faixa de leigos adultos, com numerosos movimentos de jovens — registro apenas a existência de uns e outros, sem entrar na avaliação de seu desempenho — podemos assinalar três

dimensões que, através deles, afetam de algum modo a vocação sacerdotal e religiosa no contexto global da Igreja:

- a redescoberta do matrimônio cristão e sua valorização sob nova luz;
- a descoberta e potenciamento da vocação do leigo na Igreja (ainda que a partir de ângulos distintos e até opostos, segundo os grupos ou movimentos);
- a constatação de que muito do que era antes domínio exclusivo do sacerdote, num modelo estritamente clerical de Igreja, pode ser assumido por leigos e, de fato, o vem sendo progressivamente.

VOCAÇÕES: ALGUNS PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

É neste quadro eclesial e nacional que está vicejando agora o novo surto de vocações. Sem ter presente este contexto de fundo, ainda que esboçado apenas de modo sumário como vimos de fazer, seria difícil situar algumas dimensões importantes que este fenômeno do incremento vocacional coloca para os processos de acompanhamento dos candidatos e de formação dos jovens religiosos e religiosas. Diante de toda esta transformação profunda do país e da Igreja, em tempo relativamente curto, diante do processo de mudanças ainda em curso e irreprimível por sua índole, o número crescente de vocações pode justificar uma certa euforia, mas é não menos gerador de perplexidades e interrogações. De qualquer modo, ele não nos dá qualquer base para julgarmos ingenuamente que, afinal, conseguimos superar a crise e estamos a caminho de uma nova estabilidade pré-conciliar, sonhada por tantos. À luz de tudo o que foi dito, vamos aflorar apenas alguns

aspectos à guisa de estímulo à reflexão realista.

Em outros tempos, era sobretudo das classes favorecidas que provinham os candidatos.

Hoje, a mudança do lugar social da Igreja atua de modo ambivalente. Cria, por um lado, em muitas famílias da classe média, não raro elitista, consumista e secularista, uma resistência ao ideal sacerdotal ou religioso de algum filho ou filha, refratários estes mesmos, na sua maioria, à simples consideração de tal propósito. A vida religiosa neles não encontra ressonância e está fora de seu quadro de valores. Para os pais, que talvez retenham ainda um apreço prático ou funcional pelo sacerdote ou religioso(a) — ângulo educacional ou “social” (batizados e casamentos) — a vida religiosa não é mais vista como extensão do padrão da família, dimensão do padrão da família, dimensão que na primeira metade deste século, atenuou, sem dúvida, o sacrifício de muitas mães e pais ao verem partir suas filhas e filhos para certas ordens ou congregações, algumas sobretudo, que ofereciam ou prolongavam “status” condigno. Por outro lado, o novo lugar social da Igreja atua como um apelo para muitos jovens generosos de qualquer procedência sócio-econômica, que acalentam a idéia de doação e entrega pelos irmãos e por uma sociedade mais justa. Alguns vêem na sensibilidade e atuação social da Igreja um pólo de atração em ordem à viabilização de seus anseios e projetos, sem, contudo, amadurecerem ou enfatizarem a perspectiva de uma consagração mais plena a Deus. Outros o fazem e vinculam a fundo o serviço de Deus e o serviço dos homens, independentemente de qual tenha sido o gerador do primeiro impulso. Finalmente, o

trabalho e a vida entre os pobres torna também natural que surjam vocações entre eles. Desta faixa, pouco ou nada representada nos quadros religiosos de outros tempos, vem surgindo agora um percentual significativo de candidatos.

Sem pretensão de ser completo, proponho à consideração dos leitores quatro aspectos ou momentos que me parecem sugestivos e estão, no fundo, muito relacionados uns com os outros numa unidade temática.

1. MOTIVAÇÃO

A experiência de muitas congregações tem revelado a insuficiência, por si só, da motivação sócio-política, como móvel principal ou único da vocação religiosa. Esta motivação nasce no jovem a partir de uma percepção da missão de suplência atuante da Igreja, acentuada pela conjuntura de uma sociedade que viveu longo tempo em clima de repressão e silêncio forçado. A presença e coragem da Igreja, sua participação decisiva em certos momentos da vida nacional, pode atuar como um imã para vontades decididas a se baterem por um mundo com outra face social, política e econômica. Mas elas podem se chocar, a longo prazo, com determinadas exigências da fé e do espírito, que balizam e condicionam, individualmente e definem esta atuação da Igreja. Por outro lado, pode ser-lhes decepcionante e insustentável a herança de um passado institucional, lento e complexo, das congregações e/ou da própria Igreja. Pode-se perguntar, de resto, neste contexto, qual seria a incidência desta motivação, forte ainda hoje, como nos últimos cinco anos, caso o país chegasse a tornar concreto e viável um projeto efetivamente democrático de participação e representação, re-

duzindo a urgência e a evidência da militância e da suplência da Igreja no sócio-político, embora ela continue a manter a sua sensibilidade a esta área e, por outra forma, sua presença e atuação em ordem à construção de uma sociedade justa.

Um segundo alerta importante em relação à motivação está ligado ao problema do lastro e teor de fé que apresenta o candidato. Na fase pré-conciliar, havia uma certa adequação entre a vida cristã das famílias e até da escola e a tipologia da vida eclesial e religiosa. Ao se iniciar o Concílio, não eram ainda tão sensíveis no Brasil os efeitos que nos Estados Unidos e na Europa se manifestaram logo após a segunda guerra mundial sobre a estrutura familiar e sua prática da fé. Estes sintomas irromperam maciçamente aqui, nos anos 60, carreados sobretudo por uma televisão superficial e de todo carente de bases culturais, que teve um enorme impacto sobre a estrutura e a prática religiosa da família brasileira em toda a parte e em todos os níveis sociais. Coincidiram com isto as vicissitudes do pós-concílio dentro da Igreja. Elas afetaram o seu estilo de vida, reduziram o número de sacerdotes e religiosos e se refletiram também nas mutuações e ajustamentos trepidantes dos processos de evangelização. Derivam daí algumas conseqüências para a questão vocacional em nossos dias.

Os jovens que nos chegam hoje, na faixa de 20 a 25 anos, são o produto desta conjuntura. Em suas famílias, viveram um clima de fé menos explícita e mais incerta. Em sua educação através da escola e da convivência social, receberam talvez mais informação sobre conteúdos e práticas da fé do que as gerações que os precederam. Esta informação, porém, foi mais eclética, menos orgânica e sistema-

tizada. Ela esteve sobretudo exposta ao bombardeio de muitas outras informações simultâneas (via TV, cinema, difusão de idéias e debates) numa sociedade de circulação informativa intensa e indiscriminada. Este contexto leva o jovem:

— a uma natural perplexidade e insegurança, vivida na confluência de uma erosão da confiança em tudo e quase todos e na ânsia e urgência de querer confiar em algo e alguém;

— à posição paradoxal de uma constante atitude crítica acrítica: ele vai fazendo uma verdadeira “miragem” subjetiva de conteúdos religiosos disparatados, sensível e dócil às ondas e ventos que o manipulam à distância e o encontram quase sempre vulnerável;

— retarda-se assim ou se impede mesmo uma primeira síntese incipiente e uma empatia religiosa de cunho afetivo que, em gerações anteriores, se manifestava mais rapidamente, ainda que de modo menos maduro e consciente do que se apresenta hoje, quando atingida pelos jovens atuais.

Daí que o discernimento da vocação, que atendia menos a este aspecto na fase pré-conciliar, há de levá-lo muito em conta agora. Não basta que o jovem seja bom e generoso, referendado por boa base familiar e, eventualmente, até mesmo engajado em movimentos. É imprescindível o diagnóstico do estado de sua fé e de seu quadro humano/espiritual. É dentro deste todo que será gestada e poderá ser aferida a acuidade de sua percepção do apelo vocacional e a qualidade de sua resposta a tal estímulo. Isto é fundamental antes de recebê-lo. Supõe-se, portanto, um tempo adequado de acompanhamento pessoal

antes da decisão e uma criteriologia séria de seleção, antes restritiva do que liberal.

Por outro lado, uma vez admitido o jovem, sua formação inicial deve ter como prioridade a continuidade responsável deste aprofundamento orgânico da fé, da experiência de Deus, radicados ambos num crescimento humano, individual e social, integral e integrado. Só este processo permite realmente o gradual amadurecimento e unificação da pessoa e o aprimoramento de sua liberdade interior, requisito incontornável para viver e agir numa Igreja e sociedade aberta e complexa, da qual a vida religiosa não mais o separa nem protege.

2. ENCULTURAÇÃO

Esta palavra significa, em antropologia, o processo pelo qual uma pessoa é introduzida na sua própria cultura. Toda criança é enculturada por sua família, por sua escola, por seu ambiente social. Há também sempre uma fase de enculturação na vida religiosa. Os que somos hoje religiosos adultos fomos enculturados num contexto que trazia um vinco de classe média de outros tempos, de nossas e de outras plagas. Vivemos uma herança de certo prestígio, de amizades, hábitos e proceder, em discrepância flagrante com o estrato popular, não percebido e marginalizado, ou atendido, sim, por filantropia e caridade, mantidas, porém, as devidas distâncias. Prolongamos tudo isto através de estudos e obras, de modos de ser e de atuar. Hoje, apesar da mudança profunda que se operou em tantas frentes de trabalho e no interior mesmo das comunidades e instituições, apesar da simplificação significativa de nossa vida e da busca sincera do novo lugar social, encontramos-nos perplexos diante destas voca-

ções que nos chegam, várias delas dos meios populares.

O que nos parece simples e despojado é, não raro, ainda estranho e requintado para muitos destes jovens. Vindos de um regime duro de assalariados de baixa renda, estudantes noturnos, mal dormidos e alimentados, com condições precárias de habitação e de lazer, com pouca ou nula disponibilidade financeira, eles se encontram a conviver entre nós com o oposto de tudo isto. Para muitos, esta experiência atua como um fator de decepção e, eventualmente, de desistência. Para outros, funciona como uma alavanca poderosa de promoção gratuita ou de aburguesamento larvado, de compensação e desperdício irresponsável, de inconsciente deformação ou anestesia do ideal e sacrifício. Somos nós então os decepcionados. Perguntamo-nos mesmo se não foi contraproducente tirar estes jovens de seus meios e colocá-los neste processo que os torna assim inseguros para a evangelização e um peso morto nas comunidades, além de os ter alienado em relação ao seu próprio meio.

3. FORMAÇÃO

Somos confrontados hoje com perguntas de difícil resposta. Deveríamos renunciar, por exemplo, aos estudos mais exigentes, que demandam tempo, condições e instrumentos? Como combinar com eles um enfoque de Igreja que nos é proposto, marcado pelos meios populares? Deveríamos abrir mão de trabalhos que fizeram nosso passado e firmaram tradição? Deveríamos partir para a inserção direta como quadro natural da formação inicial? Deveríamos redimensionar todo um teor de espiritualidade, de oração e de vida comunitária? O que fazer? Como

fazer? Que instituto religioso não se defronta hoje com estas interrogações? Quantas idas e vindas nas respostas que lhes demos e continuamos a dar. Quantos, hesitantes e impacientes, se inclinam a re-primar os modelos de outros tempos, gratificados pela uniformização de uma aparente ordem e disciplina, das pessoas e da instituição, em desacordo, porém, com transformações irreversíveis e ineludíveis a longo prazo? Este tipo de solução, mais fácil, passa à margem da história e dela não aprende. Ele planta hoje as sementes de grandes crises amanhã.

A mudança do lugar social tem enormes e imprevisíveis conseqüências para a Igreja e a vida religiosa nela. Estamos ainda longe de atinar com os desdobramentos deste processo. Não tenho pretensões nem condições de dar resposta a tantas perguntas. Cada instituto está hoje consciente delas e vem fazendo sua caminhada, não raro dolorosa, muitas vezes promissória. São muitos e diversos os caminhos. O importante é não iludir as questões centrais e, por outro lado, tratá-las com serenidade e liberdade interior, numa atitude profunda de fé e confiança no Senhor, única fonte e garantia do discernimento permanente. Esse se tornou hoje o clima imprescindível de uma vida eclesial e religiosa realista a ser vivida na verdade e no amor.

Dois pontos, em todo o caso, se me afiguram fundamentais como critérios e referências para este discernimento em relação à vocação e formação.

Nossos jovens e nós devemos ter bem presente que o religioso ou religiosa é alguém que não se fecha sobre si, seu interesse, sua realização e promoção. Os religiosos e a Igreja na qual vivem devem

abrir-se para os irmãos. Nossa vida só tem sentido nesta atitude veraz de disponibilidade e serviço. A Igreja, pois, não é seita, não é gueto, não é reduto para iniciados. Comunidade pequena ou grande, ela é sobretudo presença aos homens, caminhada com eles, epifania pluriforme do Senhor.

Por outro lado, nossos jovens e nós devemos saber que a inspiração desta abertura aos outros, que é concretização do amor, não se pode confinar ao empenho humanista e militante da promoção e construção de uma sociedade justa em termos apenas imanentes. Deus e a experiência dele em Jesus Cristo e em cada irmão é o lastro de fundo de toda vida e engajamento cristão. A vocação religiosa, portanto, é um chamado ao encontro com o irmão que me encaminha a Deus. Mas ela é, mais que isso, um encontro nosso com o irmão Jesus Cristo, no qual e pelo qual é Deus quem vem ao nosso encontro e nos revela sua verdade e seu amor, gratuitamente, acima de toda expectativa, para além do alcance e do horizonte do mais puro engajamento pelo irmão. O Deus de Jesus Cristo é DOM e não é termo, produto ou resultado de nosso compromisso generoso pelos irmãos, embora passe por ele e nunca se manifeste sem ele. Mas é distinto dele. Vocação e formação só se gestam na articulação profunda desta intensa experiência e acolhida de Deus que se dá como AMOR e na tradução deste amor, por nós, na constante e inequívoca entrega de nós mesmos pelos irmãos. E é na dialética por vezes tensa de nossa vivência desta articulação que vai amadurecendo a percepção dos sentidos válidos para a nossa vida no compromisso estável por Deus e pelos irmãos. Só por aí chegamos, de algum modo, a atinar com o que Deus quer. Só por aí os irmãos por quem nos damos se encontrarão com Deus em nós.

4. AÇÃO APOSTÓLICA

Vocação e formação não se explicam senão em função de uma presença e ação apostólica.

A mudança do lugar social nos abriu para uma presença maior junto aos bairros pobres e favelas; somamos forças na educação popular; somos parte das comunidades eclesiais de base e, por elas, atentos aos movimentos populares. Mas é exatamente na novidade e complexidade deste contexto que nos vamos perguntar sobre o que deverá ser o sacerdote, o religioso e a religiosa, na ulterior evolução deste processo a mais longo prazo.

Por outro lado, vemos adensar-se a vida urbana, ampliar-se a escolaridade, tomar corpo pouco a pouco a representação política e sindical das categorias; constatamos a demanda da ciência e da técnica, a perplexidade de universitários, funcionários e profissionais, atingidos sempre mais a fundo por seus estudos e seu trabalho. Vemos o peso dos meios de comunicação na formação ou deformação da consciência e da opinião pública. O que deverá ser o sacerdote, o religioso e a religiosa no desdobramento deste processo?

Estas mesmas perguntas e a dificuldade em lhes dar respostas expressam talvez o grau de pobreza de que se reveste a nossa própria vocação sacerdotal e religiosa, reflexo, de resto, da pobreza que vive hoje a Igreja. Como no caso da formação, também no da ação apostólica, toda tentativa de regredir a respostas definidas do passado e buscar nelas uma certa segurança é portadora de ilusão e talvez não seja senão uma opção de fuga. Mas ela perde sobretudo a perspectiva histórica. O esboço tão sucinto que delineamos acima foi

bastante para nos fazer sentir a profundidade das transformações no mundo e na Igreja e a complexidade das opções que a nós se colocam neste quadro.

O que de nós se pede hoje é sobretudo a atenção contínua a Deus, aos irmãos e a nós mesmos, como pessoas e como corpo apostólico, numa busca permanente de respostas mais adequadas. O que de nós se pede é a liberdade interior para reavaliá-las sempre, para abrir mão do que já não é válido, para assumir uma caminhada que traz em si o risco do erro e da surpresa. Tudo isto são formas de pobreza. Esta passa a ser parte de nossa vocação, formação e ação apostólica. Ser-nos-á difícil delimitar muito bem, por antecipação, os parâmetros de nossa identidade como o fizemos antes numa sociedade estática e como o podem fazer hoje ainda, pela dinâmica da especialização, outras vocações e profissões. Nossos candidatos não podem ter ilusão sobre isto. Eles devem ser capazes de partilhar esta pobreza que se tornou talvez nossa maior riqueza. Depois de uma faixa histórica pluri-secular, em que o chamado “estado religioso” foi definido, codificado, esmiuçado em pormenores, voltamos a ter que ouvir do Cristo aquele “Vem e segue-me”, sem especificações maiores do que a certeza de Sua presença e o empenho de nossa vida.

Neste quadro de Igreja e mundo, com tantos paradoxos, toda tentativa de polarizar, de absolutizar um só aspecto e orientação, uma única opção apostólica — só os pobres, só os ricos, só inserção, só obras, só este ou aquele modo de ser ou de proceder, etc. — não conduz senão à esterilidade e frustração. Não quero dizer com isto que se deva cair no império da relativização. Justamente o contrário. O importante é cessar de absolutizar o

relativo. É ser capaz de intuir, na multidão de tantos relativos, o apelo e vestígio do Absoluto.

Não se trata tampouco de ser neutro numa realidade conflitante. É preciso, isto sim ser bastante livre para não se deixar levar por táticas e estratégias que evitam ou ocultam a verdade ou parte dela, em nome do atraso ou aceleração de processos. É fundamental ser livre para não radicalizar um dos lados do conflito. Só assim será possível tentar superá-lo e construir, em vez de agravá-lo e, portanto, destruir.

Tudo isto faz de nós seres estranhos num mundo eficiente e funcional. Somos hoje talvez a menos definível e compreensível das vocações, no quadro abundante e diferenciado das especificações profissionais e ideológicas. Enquanto todas elas se aprimoram sempre mais na explicitação e no rendimento do seu fazer, o grande desafio posto a nós é o de ser, o de viver e o de marcar visivelmente, pela intensidade do que somos, qualquer cousa que façamos. É aqui que se situa, por um lado, o dom de Deus que nos chama a ser, no limite consciente de nossa pobreza, presença Sua, de verdade e de amor, que caminha entre os homens. Não foi isto o ser de Jesus Cristo? Por outro lado, é não menos aqui que se redimensiona e se relativiza todo o nosso fazer — mesmo o mais acalentado e comprovado — porque ele se abre à constante ação de Deus sobre nós, que deve poder dispor de nosso ser para as urgências imprevisíveis do seu fazer.

Sem esta profunda liberdade interior, não há vocação, não há formação, não há ação apostólica. Alcançar e viver este DOM — que sendo dom não dispensa o nosso empenho — é o objetivo chave e o

critério irredutível de toda vida cristã, da qual a vida religiosa e a sacerdotal não são senão algumas faces entre outras muitas, necessidades todas e cheias de sentido, na

caminhada fraterna dos homens para Deus.

(Artigo extraído de “Os Religiosos, Vocação e Missão” – Publicação da CRB).



- 01 – Estamos realmente em “tempos difíceis” para o florescimento das Vocações à vida sacerdotal ou consagrada, religiosa ou secular.
- 02 – Existe um relançamento animador, maior ou menor, conforme os lugares.
Continuam, entretanto, os “tempos difíceis”.
- 03 – É muito oportuna uma reflexão sobre o Problema das Vocações neste ANO CENTENÁRIO da Obra Salesiana no Brasil.
- 04 – Depois de ler o artigo *Impasse ou*

Desafio apresente sugestões e considerações pessoais sobre esse momentoso problema ou, pelo menos responda às perguntas do presente questionário, a todas ou em parte, indicando sua idade e nível de estudos (1º, 2º ou 3º graus) se quiser. Não é necessário assinar.

- 05 – Centenário Salesiano em foco publicará as respostas que chegarem à Redação, conservando o anonimato, se quem responder, assim desejar.

Nota: O questionário é naturalmente incompleto. Pode aumentá-lo conforme achar conveniente.

Questionário Vocacional

- 01 – Para o tempo de hoje, como você acha que deve ser
- a) o Sacerdote?
 - b) o Religioso?
- 02 – Segundo a sua opinião, por que há hoje
- a) poucos candidatos à vida sacerdotal?
 - b) poucos candidatos à vida religiosa?
 - c) ou, como explicaria você a crise de vocações hoje?
- 03 – Para você a falta de candidatos à vida sacerdotal e religiosa é
- a) porque não existem mesmo candidatos?
 - b) ou porque não são devidamente preparados?
- 04 – Que conselhos você daria para quem lhe dissesse que quer ser sacerdote ou religioso?
- 05 – Você está de acordo que a formação do candidato ao sacerdócio seja feita num

- a) seminário bem rigoroso, *com poucos contatos* com a realidade atual?
- b) seminário sério, mas iniciando desde logo os trabalhos de apostolado?
- 06 – Você saberia identificar *pontos positivos* na educação do candidato ao Sacerdócio ou à vida religiosa?
E *pontos negativos*?
- 07 – Quais são as boas qualidades que devem demonstrar os candidatos à vida sacerdotal ou religiosa?
- 08 – Como a TV costuma apresentar a imagem do Sacerdote ou do Religioso?
- 09 – Numa Sociedade que exalta o materialismo, o egoísmo, o dinheiro, a dominação, o luxo, vale a pena dedicar a vida para testemunhar valores espirituais?
- 10 – A vida religiosa hoje, como está institucionalizada, como é vivida, é apelo e atrativo para a juventude?
- 11 – Quais seriam, no seu parecer, os problemas fundamentais que estão afastando os jovens da vocação sacerdotal ou religiosa?
- 12 – O carisma salesiano encontra atualmente, no nosso estilo de vida, espaço para entusiasmar a juventude para o serviço dos irmãos no *seguinte de Cristo*? ■

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1983

A Igreja no Brasil vai realizar durante o tempo da Quaresma deste ano, a XX Campanha da Fraternidade.

A primeira Campanha realizou-se em 1964, com o sugestivo tema: "Lembre-se: você também é Igreja".

Para 1983, depois de ampla consulta, foi escolhido o tema: "Fraternidade sim, Violência não".

Ele reflete o sofrimento e a angústia da geração atual que vê o mundo tornar-se cada vez mais perverso, enquanto a violência destrói o verdadeiro amor entre os homens.

O Brasil quer contribuir com esta resposta ao apelo do Santo Padre que, através do Sínodo dos Bispos, a realizar-se neste ano, convoca a Igreja e todos os homens de boa vontade para a "Reconciliação e Penitência", em correspondência ao amor misericordioso do Divino Redentor, principalmente neste Ano Santo Extraordinário da Redenção.

(Transcrito do **Osservatore Romano**, de 06/02/83)

DOM BOSCO PENSAVA ASSIM



Do seu Testamento Espiritual

Deus chamou a pobre Congregação Salesiana a promover as vocações eclesíásticas entre a juventude pobre ou de baixa condição.

As famílias ricas estão, em geral, muito orgulhadas no espírito do mundo, do qual desgraçadamente se impregnam os filhos, fazendo-lhes perder, assim, o princípio de vocação que Deus lhes pôs no coração.

Se tal espírito for cultivado e desenvolvido, amadurece e produz copiosos frutos. Pelo contrário, não somente o germe da vocação, mas muitas vezes a própria vocação, que nascera e começara sob bons auspícios, sufoca-se ou enfraquece e perde-se.

* Os jornais, os maus livros, os colegas e as conversas não discretas na família são, muitas vezes, causa funesta da perda das vocações e, não raro, são infelizmente a destruição e o desvio mesmo dos que já fizeram a escolha do estado.

Lembre-mos de que presenteamos a Igreja com um grande tesouro quando lhe arranjamos uma boa vocação; que tal vocação ou padre vá para a Diocese, para as Missões ou para uma casa religiosa não importa. É sempre um grande tesouro que se dá à Igreja de Jesus Cristo.

Mas não se dê conselho a qualquer menino, se não estiver seguro de conservar a virtude angélica no grau estabelecido pela sã Teologia. Transija-se sobre a mediocridade do engenho, nunca, porém,

sobre a falta da virtude de que falamos.

Por falta de meios nunca deixeis de receber um jovem que dê fundada esperança de vocação. Gastai tudo o que tiverdes, se necessário pedí esmolas, e se ainda vos encontrardes em necessidades, não vos perturbeis, porque a Santa Virgem, de qualquer maneira, prodigiosamente até virá em vosso auxílio.

O trabalho, o testemunho dos nossos irmãos arrastarão, por assim dizer, os nossos alunos a seguir seus exemplos. Façam-se sacrifícios financeiros e pessoais, pratique-se, porém, o Sistema Preventivo e teremos vocações em abundância.

(...) A paciência, a amabilidade, as relações cristãs entre Mestres e alunos, farão surgir muitas vocações.

Quando o Diretor de uma nossa casa descobre um aluno de boa conduta, de bom caráter, de boa índole, procure tornar-se seu amigo. Dirija-lhe freqüentemente alguma palavra, ouça-o de boamente; recomende-se às suas orações, garanta que o lembrará na Santa Missa, convide-o a freqüentar os Sacramentos.

Por Aspirantes nós entendemos aqueles jovens que desejam adquirir um estilo de vida cristã que a seu tempo os torne dignos de entrar na vida salesiana, na Congregação. Com eles se use um cuidado todo especial. Conservem-se, porém, no

meio deles, somente os que tiverem o desejo de se tornarem salesianos ou, pelo menos, que não sejam contrários a essa idéia, quando essa for a vontade de Deus.

Faça-se-lhes uma conferência particular ao menos duas vezes por mês. Nessas conferências fale-se do que é necessário para ser um bom cristão. Não se fale das nossas Constituições, nem dos votos, nem de deixar casa e parentes; são coisas que entrarão no coração, sem que se fale delas explicitamente. Firme-se bem o princípio: precisamos-nos doar a Deus mais cedo ou

mais tarde, e Deus chama de bem-aventurado aquele que desde sua juventude se lhe consagra com generosidade. Mais cedo ou mais tarde será preciso abandonar o mundo com todos os seus encantos ou atrativos, parentes, amigos, etc... por bem ou por mal, e para sempre.

Escritos espirituais de São João Bosco, coordenação de Joseph Aubry, — Edit. Salesiana D. Bosco — págs. 464-465).



A 16 de maio de 1878, na primeira conferência feita aos Cooperadores, em Roma, Dom Bosco dizia:

“Há, depois, outra obra, fruto desses Oretórios, obra que não desejo que seja publicada, mas que acho bom que seja por vós conhecida. Esta é a de procurar jovens de boa vontade e de colocar em suas mãos os meios necessários para alcançar o Sacerdócio.

Vedes como o número dos ministros do Senhor diminui cada dia em proporção deveras espantosa. Procuramos, então, por toda parte, jovens que dessem firme esperança de vocação eclesiástica, reunimo-los e os fizemos estudar e eis que, gra-

ças ao bom Deus, já saíram desta Obra centenas e centenas de sacerdotes. Que-reis que vos revele com toda confiança e discrição o número de clérigos que vestiram o hábito talar o ano passado?

Escutai bem:

Trezentos clérigos tivemos no ano passado, provindos das nossas casas da Itália, da França, do Uruguai e da República da Argentina. Em grande parte eles vão para as próprias dioceses e, só para vos dar um exemplo, na diocese de Casale, de 42 clérigos, 34 saíram das nossas casas. Entre eles depois, muitos se tornaram religiosos, outros vão para as Missões ou então ficam conosco para nos ajudar com todas as suas forças...” ■

“Não se ponha nunca o sol sobre a vossa ira, nem deveis trazer nunca à memória as ofensas perdoadas; nunca recordar o prejuízo, a injúria esquecida.

Digamos sempre de coração: Perdoai as nossas ofensas assim como perdoamos a quem nos tem ofendido”.

(Dom Bosco)

NOSSA SENHORA DO SISTEMA PREVENTIVO

Jogral em homenagem a Nossa Senhora Auxiliadora. A Educadora de Dom Bosco

P. Benevides

*“O Sistema Preventivo
apoia-se todo inteiro
. na razão
. na religião
. no amor” (Dom Bosco)*

- 1815. Nasce na Itália uma criança.
Seu nome é João Bosco.
- Esta criança cresce.
É ordenado sacerdote.
Começa a atrair os jovens,
Interessa-se por seus problemas.
- Educa convivendo
E convivendo, ensina a rezar
A Nossa Senhora do Sistema Preventivo,
A Educadora e Auxiliadora de todos nós.
- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Que foste Mestre do grande educador
Tu lhe ensinaste que só se educa bem
Com razão
Com religião
Com amor.
- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Onde está a força da RAZÃO
Capaz de levantar os caídos, os desanimados?

- Virgem de Dom Bosco
Dá-nos a razão suficiente
para compreender
para dialogar
para aceitar o outro como irmão.

- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Tu apontas para nós a RELIGIÃO pura
aquela que teu Filho hoje nos ensina:
 - A religião que não aceita
a covardia
o medo
a hipocrisia;
 - A religião que aceita
o Cristo Vencedor da morte
E com isso nos ensina
A coragem de viver e lutar
Para que a vida tenha mais sentido.
 - A religião feita serviço
Ao outro nosso irmão
Que precisa de doação.

- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Nós sabemos pouco sobre o AMOR
Porque vivemos num mundo dividido
Onde o ódio impera
Onde a violência se alastra
Onde a pessoa humana
é desrespeitada,
desprezada,
manipulada.

- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Ensina-nos a amar
Ensina-nos o amor do Teu Filho
Capaz de doar-se para construir
a união de todos.

- Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Nós acreditamos
que uma vida nova

Começa aparecer
Naqueles que, como Jesus Cristo,
pelo amor não têm medo de morrer.

Na tua escola, Senhora,
Nós aprendemos que o amor existe
Lá onde a vida renasce esperança
Lá onde a justiça é defendida
Lá onde o pequeno é atendido.

Virgem de Dom Bosco,
Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Ensina-nos neste dia e sempre
A crescer na consciência e na razão
A inventar um jeito para ser irmão
A viver a fé num mundo de conflito
A descobrir a voz de Deus
Em cada grito sofrido
A construir no amor
uma nova sociedade
Onde reine a paz
a união
a concórdia
a fraternidade.

Pe. Benevides



ELES CONSTRUÍRAM A NOSSA HISTÓRIA

Dom Orlando Chaves “Inspetor Mago” e “Campeão Mundial das Vocações”

D. Bonifácio Piccinini

Nasceu para ser um grande apóstolo na Igreja e na Congregação, sempre na vanguarda de arrojadas empresas apostólicas para a difusão do Reino de Deus.

É bem justo que o lembremos de um modo especial neste ano Centenário que, durante uma longa vida, ele veio construindo e abrilhantando com dinamismo e doação total de si mesmo, a serviço da Congregação e da Igreja, incansavelmente, pelo período de 33 anos de vida episcopal.

Não poderíamos ter uma apresentação mais completa da personalidade de Dom Orlando do que cedendo a palavra ao seu ilustre sucessor na Sede de Cuiabá, Dom Bonifácio Piccinini. Permitimo-nos reproduzir, quase na íntegra, a carta com que comunicava, em maio de 1982, a morte do seu predecessor.

“Na aurora do dia da Assunção da Virgem Maria ao Céu, entrava na eternidade, carregado de anos e de merecimentos, Dom Orlando Chaves, Arcebispo de Cuiabá”.

O Apóstolo nos recomenda: “Lembraí-vos de vossos guias que vos pregaram a palavra de Deus. Considerai atentamente sua vida e imitai-lhes a fé” (Heb 13,7). Nada mais, justo, pois, que relembremos a vida deste nosso irmão, toda expendida na Congregação, como diretor e inspetor, e na Igreja, como bispo e arcebispo, e que, ao evocar-lhe a longa jornada de apóstolo, lhe imitemos os exemplos.

Em Campina Verde, Minas Gerais, nasceu Dom Orlando a 17 de fevereiro de 1900, filho do Cel. João Evangelista Chaves e de Matilde Rodrigues Chaves.

(...) Depois do Curso primário, o Colégio Santa Rosa de Niterói vai ser o se-

gundo lar. Assim escreve ele em sua primeira Carta Pastoral: “Em 11 de fevereiro de 1913, com 13 anos de idade, ingressamos como aluno, como filho, no saudoso Colégio Santa Rosa, de Niterói. Como filho, dissemos, porque o sistema educativo de Dom Bosco, quintessência da caridade cristã, faz do colégio salesiano uma família na qual se integram os felizes filhos. Ainda nos lembramos quando saíamos aos passeios gerais, levando à frente um letreiro: “Salesianos”. E o povo ao ver aproximar-se nossa turma infantil, exclamava em sussurro, e nós ouvíamos: ‘Aí vêm os Salesianos’. Éramos nós os filhos da grande família”. “O mineirinho do Triângulo, transbordante de vida e de fé, mostrou-se dono de um belo caráter e de uma voz cristalina, que o punham entre os melhores alunos e os melhores cantores do Santa Rosa. Orlando viveu as emoções da Barca Sétima, mas foi poupado do naufrágio, para mais tarde salvar de outros tipos de naufrágios muito menino e muita

gente grande, na esteira do Mestre que iria fazê-lo pescador de homens e pastor entre os pastores do seu rebanho” (Dom João Resende Costa).

Sua vocação ao sacerdócio e à vida salesiana era patente, e em 1918, em Lavrinhas, faz o noviciado bem como a profissão religiosa em 28-01-1919, e o Curso de Filosofia. Em Lavrinhas, no dizer de Dom Resende, “é seminarista diligente, noviço fervoroso, depois clérigo assistente e professor muito querido. Em Lorena, quando lá entrei como aluno em 1924, perduravam ainda muito vivos os ecos de sua passagem como assistente dos médios. Algo assim como o perfume do incenso que fica pairando na atmosfera de uma igreja horas depois de se ter celebrado uma cerimônia litúrgica”.

Seu mestre de noviciado e diretor em Lavrinhas foi o Padre Lustosa, o santo sábio Arcebispo de Fortaleza, cuja memória foi evocada pelo Papa João Paulo II em seu discurso aos bispos do Brasil: “Como não evocar aqui, em Fortaleza, a figura de Dom Antônio de Almeida Lustosa, que repousa nesta Catedral e que deixou nesta Diocese a imagem luminosa de um sábio e de um santo?”

Fez seus estudos teológicos no Instituto Teológico Internacional da Crocetta, em Turim (Itália) onde pontificavam então grandes mestres e edificantes salesianos, dentre os quais emergem os padres Vismara e Gennaro. No governo da Congregação, o Servo de Deus Dom Felipe Rinaldi e o sucessor, a figura poliédrica do Padre Pedro Ricaldone. O Padre Rota, inspetor do Brasil, cuja memória é abençoada ainda hoje por quantos o conheceram e tiveram como superior, em quem não se sabe o que mais admirar: se o gran-

de coração paterno e a inteligência brilhante, ou os dotes de governo e o talento do artista.

Em Turim, continuou a ser excelente, e de lá escreveram ao Brasil: “Se todos os brasileiros fossem como Chaves, então, sim, que o Brasil faria bonito de verdade”. A 10 de julho de 1927, na Basílica de Maria Auxiliadora é ordenado presbítero pelo então Arcebispo de Turim, Cardeal José Gamba. Referindo-se ao seu apostolado sacerdotal, escreve ele na já citada Carta Pastoral: “desde esta data nos entregamos de corpo e alma, ao apostolado salesiano da conquista das almas, fazendo das glórias da Congregação nossas glórias”.

Dom Orlando inicia seu apostolado em Bagé, como conselheiro escolar, e em seguida é transferido para o estudantado teológico no Chora Menino, em São Paulo, como professor de Dogma, mestre de canto e encarregado do Oratório Festivo. Ele põe a alma toda no que deve fazer, e o Oratório Festivo, com todas as suas múltiplas manifestações de vida religiosa, de catequese, de canto, de alegria incontida, de ideal sacerdotal, vive seus áureos tempos.

Em 1936 volta ao Colégio Santa Rosa, desta vez como diretor, substituindo outro grande salesiano, o Padre Emílio Miotti. Eram os tempos do reitorado do Padre Ricaldone. A inteligência organizativa e brilhante do Reitor-Mor, suas monumentais Cartas, a disciplina religiosa bem codificada, procuravam solidificar a Congregação, cuja expansão era impressionante. O Padre Orlando Chaves foi o diretor salesiano que, esquecido de si, procurou viver e fazer viver, em plena fidelidade, sem tergiversações, sem con-

cessões, o espírito religioso e salesiano. Nem todos com ele concordavam, porque a estrada da fidelidade é, por vezes, íngreme e cansativa, mas o exemplo constante e o desprendimento e a dedicação aos meninos acabaram vencendo. O Colégio Santa Rosa de Niterói também conheceu, durante seu directorado, seus áureos tempos.

INSPETOR

Ano de 1939. Ao Padre André Dell'Oca sucede o Padre Orlando no governo da vasta e complexa Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, do Sul do Brasil, compreendendo casas nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com 360 salesianos. Como era seu feitio, abraçou a nova missão com o maior dos entusiasmos, esquecido de si próprio, procurando viver e fazer viver, em toda a sua pureza, a observância religiosa, o espírito salesiano, o apostolado multiforme de Dom Bosco. O Padre Domingos Cerrato, ex-inspetor de São Paulo, não dado a exageros e metáforas, o definiu: “inspetor mago”. Organizador tenaz, corajoso e dinâmico, os obstáculos não o venciam, nem logravam desanimá-lo. Antes, os desafios o incitavam à luta e à vitória. Fixada a meta, nada e ninguém conseguia demovê-lo. Certa vez, em Cuiabá, em meio a uma tormenta de oposição, dizia tranquilamente ao seu vigário geral: “Quando surgem as dificuldades e vão aumentando, aí eu me animo mais”.

A história certamente dirá que o Padre Orlando Chaves escreveu páginas luminosas no glorioso livro da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora. Dom João Resende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte e seu sucessor na Inspetoria, referindo-se ao novo bispo Dom Orlando,

assim o definiu: “gigante que entre nós passou semeando luz”. O mesmo Arcebispo, ao evocar estes tempos gloriosos na oração gratulatória por ocasião do Jubileu de Prata Episcopal, na Catedral de Cuiabá, dizia: “Foi esse o tempo de uma verdadeira constelação de casas de formação, o tempo das vocações colhidas a mancheias — houve um ano em que atingiram o número de 1 200 —, o tempo da catequese estimulada por vibrantes certames intercolegiais, o tempo da disciplina primorosa, inspirada em propósitos da mais integral fidelidade. Terá sido providencial essa época de aprofundamento de raízes para enfrentar a riqueza pluriforme dos desafios da época atual”.

Deixo que fale o venerando Padre Luís Garcia de Oliveira, companheiro, colaborador, confidente e amigo do Padre Orlando Chaves: “Como inspetor, num período marcado pela segunda guerra mundial, o que o caracterizou sobremodo foi, em primeiro lugar, a sua adesão dócil, incondicionada, com espírito de fé total, a toda orientação e a todas as diretivas dos superiores e da Igreja, e, depois, o seu apostolado vocacional. Foi, de fato, o apóstolo das vocações. Foram muitos os recrutas. Ao terminar o seu inspetorado, estava fazendo a campanha das mil vocações. E queria muitos, não pelo número, mas para escolher: ‘omnes probate, quod bonum est, tenete’. Para acolher os vocacionados construiu ou ampliou São João del-Rei, Ascurra, Jaciguá, Pará de Minas, Pindamonhangaba, Barbacena, São Paulo (Pio XI). Não houve campo em que não tenha dado demonstração do seu grande zelo: boa imprensa, principalmente com as Leituras Católicas; Ação Católica (tempos de ouro com Pio XI e Pio XII); catequese, promovendo grandes certames locais e inspetoriais todos os anos, certames

não só com prova de memória, mas com provas de inteligência; uniões dos cooperadores salesianos e ex-alunos, coroinhas e Oratório Festivo, Companhias religiosas, teatrinho salesiano; música instrumental e vocal. Cuidava da manutenção das Casas de Formação dando-lhes a quota mensal. Além disso era magnânimo, enriquecendo-as com salas de catecismo, instrumentos musicais, pianos, harmônios, paramentais, vasos litúrgicos. Até gaitas para lazer dos aspirantes. O esplendor das funções litúrgicas em todas as casas, mas particularmente nas casas de formação, era deveras marcante. Grandes concentrações de oratorianos e coroinhas. Em todo o seu inspetorado viveu tão somente na Inspetoria, da Inspetoria e para Inspetoria. Lidou com muito dinheiro na administração, mas pessoalmente era muito pobre no vestuário e nos livros. Nutriu a mente e o coração dos salesianos com cerca de 30 circulares, cheias de doutrina religiosa, salesiana e eclesial, com orientações válidas ainda hoje. Naturalmente não lhe faltaram contrastes, cruces que soube aturar com fortaleza e coragem, animado pela fé e pela palavra de conforto dos superiores. Pôde ter sido enganado, pôde, até ter-se enganado; mas nunca enganou a ninguém”.

Falem os números: em 1940, ao assumir a Inspetoria, os noviços eram 20. Em 1948 eram 80. Os aspirantes, em 1939 eram 200, chegando a 864 em 1948. Organizou os Cooperadores Salesianos, os quais, de 5 000 em 1940, chegaram a 30 000 ao término do seu mandato. Tanto pelo Padre Ricaldone quanto pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo foi ele definido: “Campeão mundial das vocações”.

BISPO DE CORUMBÁ

Foi para ele um sacrifício ingente ter

que deixar seus trabalhos na Inspetoria Salesiana, onde já lourejavam as messes, e aceitar o serviço episcopal na imensa Diocese de Corumbá, completamente desprovida do clero diocesano, após uma vacância de três anos. Diocese de 350 000 quilômetros quadrados com 300 000 habitantes. “Como nos custa a separação. Os numerosíssimos aspirantes, os noviços, os 400 jovens salesianos que entraram para a Congregação fazendo em nossas mãos a profissão religiosa, os Salesianos todos da Inspetoria eram para nós filhos e irmãos diletíssimos. Como nos custa a separação”.

Entrou na Diocese a 25 de julho de 1948: sem clero e sem seminário, pediu hospitalidade no Colégio Salesiano e iniciou seu apostolado. Com o entusiasmo e o otimismo de um jovem, sem chorar o que deixara atrás, sem lamentar a precária situação na qual ora se encontra. A fé de Abraão foi a sua fé, a qual, no dizer elegante e carinhoso do saudoso Padre José Stringari, não apenas “transportou montanhas, mas levantou montanhas”. Apóstolo intrépido, heróico, que espera contra toda esperança, traça seu programa que lemos em sua Pastoral: “É a preparação necessária para um intenso apostolado das vocações, cuja primeira etapa será naturalmente a construção de um amplo seminário. E os sacerdotes formados neste seminário diocesano, hão de conduzir o povo da nossa querida Diocese para o futuro que o espera na vida da nossa grande Pátria”.

A 26 de agosto chega a Campo Grande, cidade mais importante da Diocese, e no *Eco Diocesano* de novembro encontramos a alvissareira notícia: “Já está em construção, em uma chácara, a 3 quilômetros de Campo Grande, o Seminário de nossa Diocese. Abrir-se-á em fevereiro

próximo, sob a direção dos Salesianos de Dom Bosco”. Mas não é só a campanha vocacional que o empolga: organizada a catequese, a Ação Católica, visita a Diocese em longas, penosas e edificantes Visitas Pastorais. O *Eco Diocesano* leva a toda a vasta Diocese a palavra do Pastor, as crônicas das várias comunidades, as iniciativas diocesanas.

Dom Lustosa, seu antecessor na Diocese de Corumbá, ao saber da escolha de Dom Orlando para Bispo de Corumbá, escreveu: “Dom Orlando leva para a querida Diocese zelo de apóstolo e carinho de pai. A bela cidade que se debruça sobre as águas do Paraguai breve terá de erguer as mãos para o céu, como eu, para agradecer o presente régio que recebe”. E foi mesmo assim. Dom Orlando pastoreou com dedicação e sacrifícios uma Diocese que, hoje, está subdividida em 1 Arquidiocese, 4 Dioceses e 1 Prelazia.

Nove anos bastaram para que conhecesse todos os recantos mais afastados da Diocese que hoje forma o Estado do Mato Grosso do Sul. Solicitou à Santa Sé um Bispo auxiliar, que lhe foi dado, em 1955, na pessoa do então inspetor salesiano do Norte do Brasil, Dom Ladislau Paz. Ao mesmo tempo iniciou os estudos e tratativas para a divisão da Diocese, a qual seria desmembrada em três: Corumbá, Campo Grande e Dourados.

ARCEBISPO DE CUIABÁ

A Santa Sé nomeou Dom Orlando Arcebispo Metropolitano de Cuiabá a 26 de novembro de 1956.

A carta pastoral de despedida aos diocesanos de Corumbá relata fielmente o que foi seu fecundo episcopado na Diocese

que deixava. Obediente e cheio de fé abraça a nova Igreja particular, ciente dos problemas e dificuldades que iria encontrar.

E começou. Ainda vigoroso quis conhecer a Arquidiocese toda, os lugares mais afastados e pobres, bem no interior do sertão esquecido. E voltou convencido de que, sem clero nativo, pouco ou nada conseguiria fazer.

Em 1958 o então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, lançava a primeira pedra do novo Seminário Cristo Rei, solenidade com a qual Dom Orlando quis comemorar o centenário do velho Seminário da Conceição iniciado por Dom José em 1857 e inaugurado por Dom Carlos 25 anos depois, em 1882.

O famoso arquiteto Benedito Calisto elabora a planta de um grande seminário, de 3 andares, com a capacidade para 200 alunos. Tudo amplo, arejado, grandioso. E ele meteu mãos à obra: pediu, implorou dentro e fora do Brasil, organizou festas e promoções e, aos poucos, em meio a mil dificuldades, foi surgindo o prédio em lugar afastado da cidade, por muitos julgado impróprio. Mas a visão ampla e arrojada do Arcebispo é por todos hoje exaltada: o grande terreno do Seminário está hoje no populoso bairro de Cristo Rei em posição invejável. A grande felicidade de Dom Orlando era estar no meio dos seus seminaristas. Enquanto as forças lho permitiram, todos os domingos, à noite, ia cantar as Vésperas e pregar. Ali recobrava novo alento para continuar a pedir e trabalhar pelas vocações. Nada exigia para si: Bispo de Corumbá, usava os velhos sapatos do antecessor Dom Vicente Priante. Em Cuiabá fez o mesmo com os

sapatos de Dom Aquino. Mas para o Seminário era grandioso e munífico: desde o trator de esteira aos instrumentos da banda, tudo era da melhor qualidade. E quando os seminários foram fechados em muitas dioceses, quando os meios escasseavam, quando idéias chamadas “novas” lançaram o descrédito sobre os seminários menores e sua eficácia, Dom Orlando continuou, esperando contra toda esperança, como sempre fizera. E hoje, graças à sua santa teimosia, a Arquidiocese aguarda confiante os seus sacerdotes diocesanos nos seminaristas maiores que se formam no Seminário regional.

Outro marco notável deixado na Arquidiocese foi a *Rádio Difusora Bom Jesus* de Cuiabá, iniciada em 1958. A evangelização das populações do sertão e a promoção humana através das Escolas Radiofônicas do Movimento de Educação de Base-MEB o animaram a enfrentar dificuldades pecuniárias, carência de material humano, contratempos de toda espécie. Idas e vindas à Capital República, longas antecâmaras e ministérios, tudo suportou sem reclamações nem queixas.

Uma das preocupações do Arcebispo, desde o início de seu serviço pastoral, foi resolver o grave problema da Catedral. A cidade crescia, o tráfego, aumentando mais e mais na outrora pacata cidade colonial, abalava inexoravelmente os alicerces da velha Sé, de barro socado, que cedo ou tarde ruiria por terra. Entretanto, os altares de talha dourada, o natural apego ao monumento mais venerável da cidade, opunham-se teimosamente à demolição. Dom Orlando, após haver sido certificado de que fatalmente ruiria a velha catedral, mandou derrubá-la e lançou a Campanha da Nova Catedral. Mas ao derubar a fachada da Catedral, o povo, que

tudo seguia entre amargurado e revoltado, percebeu que fora necessário dinamitar as torres, tão sólidas elas eram. Daí, uma crítica e uma oposição velada e, às vezes, clara e agressiva ao Arcebispo, o qual, silencioso e firme, trabalhava e construía.

Os denigradores e opositores não sabiam ou não queriam saber que a fachada do histórico templo datava de 1928, refeita por Dom Aquino, sob a orientação de um velho mestre-de-obras famoso pela solidez de suas construções. A praça da Catedral estava repleta de curiosos e críticos que assistiam à “dinamitização” da Catedral que o Arcebispo dizia estar prestes a ruir... A 23 de maio de 1973, a imponente Catedral era sagrada, e no dia 24, festa de Maria Auxiliadora, Estrela do seu episcopado, circundado por seus irmãos bispos salesianos e sufragâneos, pelo clero, pelo povo em festas, o intrépido batalhador de Cristo celebrava seu Jubileu Episcopal de Prata. Irradiava felicidade.

No seu afã de enriquecer a Igreja de vocações religiosas fundou uma Congregação feminina, à qual deu o nome de Instituto das Missionárias do Bom Jesus. Sozinha para elas o apostolado paroquial nas paróquias mais afastadas e pobres, a catequese das crianças, a promoção humana e cristã dos mais necessitados. A Congregação exerce seu apostolado em cinco casas, fiel ao espírito que animou o Fundador. Permitiu Deus que as filhas espirituais lhe acompanhassem e confortassem os longos meses de sua última doença. E num gesto de carinhosa gratidão, ele manifestou que, ao ser levado à cripta para o derradeiro descanso, fosse permitido às Irmãs Missionárias carregarem o caixão. E assim foi feito: entre lágrimas, preces e flores de suas filhas, por elas levado à cripta da sua Catedral, para, ao lado de

seus antecessores, aguardar a ressurreição final.

Em 1975 a Santa Sé lhe colocou ao lado um Arcebispo Administrador Apostólico...

Dom Orlando entregava ao sucessor uma Diocese com seminário, catedral, patrimônio amealhado com incontáveis sacrifícios. Uma Rádio Difusora para o apostolado, uma Congregação feminina para a catequese nas paróquias. Sonhos e projetos ainda fervilhavam em sua mente, mas era preciso parar; era preciso preparar-se para a derradeira viagem à casa do Pai.

No dia 31 de janeiro de 1981, ao entrarem no quarto para acordá-lo, foi encontrado no chão, com o lado esquerdo paralisado. Lúcido e tranqüilo foi levado à Santa Casa, e de lá só saiu rumo à eternidade. Era o dia 15 de agosto de 1981.

Que do céu ele alcance para o seu sucessor, para seus padres, religiosos e seminaristas, para seus irmãos salesianos, para suas filhas Missionárias do Bom Jesus, e para todo o Povo de Deus da querida Arquidiocese de Cuiabá, o ardor que o consumiu na procura da glória de Deus e salvação das almas.

† Bonifácio Piccinini - SDB
Arcebispo de Cuiabá - MG

Heróis Autênticos Padre Fuchs e Padre Sacilotti

P. J. B. Duroure, SDB

Em 1884 Dom Bosco, sentindo-se um tanto indisposto, foi repousar em Lanzo. Certo dia do mês de agosto, de Mathi, em cuja casa eu era diretor, fui visitá-lo e almoçar com ele. Chegando ao quarto em que ele se hospedava, encontrei-o com o mapa do Império do Brasil aberto sobre a mesa. Estudava-o atentamente e, logo que o cumprimentei me disse: "teremos uma outra casa nesse País e será a segunda. Abrir-se-á em São Paulo, pois a primeira já se abriu em Niterói".

Mostrando-se entusiasmado disse-me: "No Brasil é necessário que tenhamos 200 casas". E, logo acrescentava: "depois que tivermos derramado sangue..." (De uma carta do P. Rinaldi - cf. texto completo em Centenário nº 0 - pág. 26).

E muito suor e sangue foram derramados ao longo desses anos de história do Centenário da Obra Salesiana e mais de duzentas casas de Salesianos e de Filhas de Maria Auxiliadora brotaram pelo imenso território do nosso Brasil.

"Suor e sangue..." elementos fecundante: "as Obras do Reino de Deus. Suor e Sangue fecundaram a evangelização árdua na Amazônia imensa e no Mato Grosso misterioso.

A 15 de julho de 1976 o sangue do P. Rodolfo Lukenbein, SDB, correu em terras de

missão na Colônia de Merúri. Ele morreu para proteger os Índios contra injustiças, ódios e perseguições e para que eles tivessem uma vida mais segura, em paz e em liberdade, mesmo nos limites de uma reserva.

Em 1920, o P. José Tannhuber, sacerdote bondoso, humilde e verdadeiro Pai dos pobres, também derramara seu sangue em defesa dos mesmos indígenas... E neste número de Centenário queremos lembrar particularmente os Padres João Fuchs e Pedro Sacilotti que em 1934, levados pelo seu zelo missionário, enfrentaram a morte na tentativa de evangelização dos Xavante. Vamos reevocar os fatos na redação histórica do P. João Batista Duroure, SDB.

SANGUE NA FLORESTA

Muitos entre os *homens* não são dignos deste nome. Poucos os que cultivam um grande ideal e no coração sublimes desejos. Ainda mais raros os que, para os realizar, se sacrificam até à morte, até à morte da cruz. A eles se unem os Padres Fuchs e Sacilotti, o Irmão Coadjutor José Pelegrino e o Baroro Luiz Kapuceva. Um suíço, um brasileiro, um italiano e um autêntico índio. Os três primeiros, religiosos, e o quarto, aluno da Sociedade Salesiana de São João Bosco.

Três entre eles seguiram voluntários para o Rio das Mortes. Um Pelegrino, se reuniu a eles em virtude da santa obediência, por amor a Deus. Todos, recusando, mais tarde, as propostas do Padre Inspetor, perseveraram até à morte, na miséria, na fome e na doença. Os dois primeiros caíram debaixo do tacape dos Xavante. Os dois outros morreram à míngua, um de gangrena e o último de tuberculose pulmonar. Todos ofereceram os seus sofrimentos e sua vida para a redenção dos temíveis Xavante.

Antes deles, numerosas entradas tinham sido tentadas, mas em vão. A reden-

ção não se realiza senão pelo sangue inocente derramado de uma vez no martírio ou gota a gota pelo sacrifício cotidiano. Fuchs, Sacilotti e seus companheiros iam encher a medida.

A 23 de junho de 1932, o P. Fuchs, tomando posse, em nome do Cristo, do território xavante, finca na margem do Rio das Mortes um enorme cruzeiro de cinco metros de altura.

No mês seguinte, ele e o P. Sacilotti se encontram em Cocalino, no Araguaia. Principiam a sua via-sacra, uma via-sacra de mais de dois anos.

De Cocalino ao local escolhido no Rio das Mortes para estabelecer a nova missão, uns cento e trinta quilômetros. Nem uma trilha. E o mato e a selva em toda sua grandeza temível.

Nos primeiros dias de agosto, seguem a pé. Quatro camaradas os acompanham. Andam devagar. A jornada é uma luta sem fim. O facão e a foice abrem caminho aos burros de carga. Nem um sopro. Homens e animais sufocam, debaixo do sol,

no serrado ralo. Sufocam na sombra fétida e malsã da mata onde folhas caídas apodrecem e fermentam. As mutucas, os maribondos furiosos, os carrapatos, os bichos-de-pé, os mosquitos e uma infinidade de pragas menores, dia e noite, os perseguem e torturam.

Enfim, a 18 de agosto, os Padres contemplam as águas límpidas do Rio das Mortes. Antes das orações da noite, o canto da Salve Regina sobe, filial, na noite que cai, implorando para a nova missão a proteção da Mãe de Misericórdia... Vita et spes nostra... ad Te clamamus, exules... Eia, illos tuos misericordes oculos ad nos converte... et Jesum, nobis et illis ostende...

No dia seguinte, 19, os Padres, pela primeira vez em Santa Teresinha (é o nome que dão à nova fundação), celebram a Santa Missa num girau, transformado em altar.

Dias depois, frente ao Rio das Mortes, erigem um cruzeiro colossal, padrão da nova missão. No fim do mês, os rastros de três índios, que, na calada da noite, visitaram o acampamento, os entusiasma.

A época das chuvas está próxima. É preciso construir sem tardar a casa. Não é fácil. A madeira de lei, para os esteios, só se encontra longe e dispersa. Abater e lavar os troncos já é trabalho penoso. Transportá-los nas costas, isto é que é duro. Cavar buracos profundos, fincar neles colunas enormes, ligá-las entre si, em baixo com baldrames ainda maiores e em cima por linhas pesadas, não é nenhum brinquedo. E não é tudo. É preciso voltar à mata, cortar e trazer, para o telhado e as paredes, madeira resistente, varas flexíveis, embira para substituir os pregos, palhas de buriti para cobrir o rancho. É

preciso cimentar os muros e as paredes com barro amassado, transportado de longe, sempre nas costas da gente.

E estes intelectuais, estes granfinos de ontem, o corpo quebrado, os braços doloridos, as mãos cheias de bolhas arrebatadas, que deixam a carne viva, continuam o seu novo e duro serviço pelo amor de Deus e dos Xavante.

Quantos sacrifícios! Mas que alegria quando na casa, enfim pronta, Jesus ocupa um humilde quarto reservado para capela.

Tão longe da civilização, sem meios de transporte, uma única solução se impõe para viver: plantar. Sem roça não há evangelização possível nestes sertões.

Os Padres escolhem um canto da mata. E dias a fio ressoa, em formidáveis ecos, no imenso silêncio destas solidões enormes, o canto rítmico dos machados. Gemem os troncos seculares, gritam, quebram-se e caem com um estrondo pavoroso. Enfim o último morre e se deita. Seguem-se três ou quatro semanas consagradas à caça, à pesca, à defumação do peixe e a moquear as carnes para dar tempo à mata abatida de secar.

Enfim, numa tarde, põem fogo ao redor da futura roça. E com o coração apertado, olham o pavoroso e magnífico espetáculo desta destruição necessária.

Longos dias se passam antes que o braseiro se apague e se resfrie... os trabalhos domésticos: a caça, a pesca e fartas excursões de reconhecimento, ocupam o tempo.

A doença vem perfazer a purificação

dos nossos quatro missionários que o amor condenou a trabalhos forçados, alimentados, enfraquecidos pelas feridas dos insetos, sem remédios apropriados, sua saúde, já fraca, se debilita...

O primeiro a adoecer é o P. Fuchs. Na sua volta de Belém onde foi esmolar e comprar uma lanchinha a motor, o paludismo o prostra. Salvo pelos cuidados fraternos dos Dominicanos de Conceição do Araguaia, chega a Santa Teresinha enfraquecido, doente, meio morto.

Quase logo é a vez do Irmão Coadjuutor Pelegrino. Com as pernas gangrenadas, apodrece vivo. Não perde porém o sorriso e continua a rir, trabalhar e a fazer graças. Para salvá-lo é preciso voltar a Cocalino e Registro; sem forças para andar a pé ou montar a cavalo, dois camaradas o levam deitado numa rede. Sacilotti o acompanha. A estrada é a que já descrevemos. Não é uma viagem, é um enterro. Chuvas tropicais freqüentes e pesadas, nesta época, os banham continuamente e lhes abatem a energia.

Sacilotti, golpeado por sua vez de maleita e desinteria, se arrasta heroicamente debaixo do sol que o assa e da chuva que o chicoteia... Em Cocalino muda o suplício: agora é a quase imobilidade no batelão, durante horas sem fim, sempre nas mesmas condições climáticas.

Enfim chegam a Araguaiana. A jornada durou dezesseis dias. As nossas Irmãs realizam o impossível para salvá-los. Sacilotti melhora devagar. Pelegrino declina sempre mais, sem cessar suas graças:

“Sou, diz ele, o fantasma do Rio das Mortes”. Um novo ataque de paludismo o mataria.

Durante este tempo, Fuchs, sozinho com o Luiz, agoniza em Santa Teresinha: maleita, uma picada de uma aranha venenosa, vertigens, vômitos, diarreia, tristeza...

No mês de agosto, volta Sacilotti com relativa saúde, após três meses e meio de ausência. Juntos tomam importante decisão. Até agora todos os esforços foram vãos, os índios não aparecem, os Xavante não querem se mostrar; pois bem, os missionários irão ao seu encontro, abandonando provisoriamente a vida sedentária. E durante meses, com a lancha, em canoa, a pé, de dia queimados pelo sol implacável, de noite gelados no areião das praias, os Padres seguem centenas de pistas.

Numerosas descobertas, fogos apagados, pousos de caça, aldeias vazias, algumas mui importantes... Os cruzeiros por eles erguidos na ida, encontraram abatidos na volta...

O paludismo prostra de novo o P. Fuchs. Não pode mais celebrar e nem mesmo, durante alguns dias, assistir à Santa Missa.

Coragem, Fuchs e Sacilotti, coragem. Próxima é a hora da recompensa. Deus contempla com amor estes dois homens que a dor e os santos desejos purificaram. Ainda um pouco e hão de contemplar o seu tão amado Jesus, não mais debaixo dos véus eucarísticos, mas face a face, no maravilhoso êxtase do amor.

A 1^o de novembro a lancha desce o Rio das Mortes. O matracar do motor, intensificado pelo silêncio destes ermos imensos, anuncia, muito tempo antes, a chegada dos Padres. Os índios, emboscados pelo mato, esperam o momento de

realizar o seu diabólico plano. Dois ficam à vista na praia, simulando pescar. Certos que os Padres os avistaram, correm, trepam a íngreme encosta e somem.

De fato os missionários perceberam a manobra. Desligam o motor, deitam a âncora e pulando na ubá que vem a reboque, remam direto para a praia. Acostam. Rastos frescos marcam a areia fofa. Sacilotti, ligeiro, sobe os 12 ou 15 metros do barranco, trepa a uma árvore e descobre perto uma centena de selvagens.

Fuchs, a quem a febre desacerta os passos, arrasta-se ofegante, o terço na mão, ajudado por dois camaradas, um que o puxa e outro que o empurra. Sacilotti, vendo o perigo, envia os empregados para o batelão à busca de presentes e sozinho com Fuchs avança para o grupo ameaçador dos Xavante.

Que aconteceu?... Ouve-se um grito angustiado do Padre Sacilotti: “os Xavante atacam... ai...” e nada mais... silêncio. Os camaradas apavorados correm agora aos pulos para a ubá e, logo depois, à força de remos, se refugiam na lancha ancorada no meio do Rio das Mortes. Passam a noite de sentinela, mas sem alerta.

Na manhã seguinte, já tarde, bem armados, voltam com infinitas precauções. Encontram os corpos dos dois heróis a cem metros um do outro. O P. Fuchs, deitado de bruços, a cabeça sobre o braço esquerdo, os temporais e a laringe quebrados. O P. Sacilotti, de costas, esticado, o antebraço direito partido, os dentes quebrados e os temporais afundados. Ambos despídos de tudo, até da medalha e do crucifixo. Sobre os corpos, enterrados na ribanceira, o bororo reza algumas orações e os camaradas fincam um cruzeiro em cima da sepultura. “Beati mortui qui in Domino moriuntur”.

Poucos dias antes, Sacilotti havia declarado aos camaradas: “O primeiro encontro com os Xavante será difícil. O P. Fuchs e eu estamos prontos para morrer. Se tiverem coragem, fiquem; senão fujam. Proíbo fazer uso de armas”.

Mais tarde os preciosos restos mortais foram transportados para Araguaiana.

Em fevereiro, morria de tuberculose pulmonar o índio bororo Luiz Kapuceva, oferecendo sua vida para a redenção dos inimigos hereditários do seu povo. ■



“Cresça em vós, queridos Alunos, o verdadeiro amor ao Sucessor de Pedro, fazendo vosso o seu olhar universal e católico”.

(João Paulo II aos Seminaristas do Colégio Caprânia de Roma – 21/01/83).

UMA IDÉIA GENIAL DE DOM BOSCO

O Coadjutor Salesiano

Do Boletim Salesiano do Uruguai

O Salesiano Coadjutor é

Uma vocação salesiana completa e significativa,
Que se insere na vocação cristã,
Ao serviço da missão salesiana,
Vivida e realizada em comunidade,
Com a profissão dos Conselhos Evangélicos,
Caracterizada pela laicidade.

O grande coração de Dom Bosco quisera salvar o mundo inteiro: por isso procurou constantemente colaboradores que o ajudassem a realizar seu sonho apostólico. Os primeiros foram seus mesmos jovens; vieram logo sacerdotes, clérigos e leigos. Alguns deles chegaram a ser seus salesianos “sacerdotes, clérigos e leigos” previstos e queridos pela primeira redação, manuscrita, das suas Regras (1858).

Dom Bosco confiou uma gama vastíssima de atividades aos Salesianos Coadjuutores: um específico caminho de santidade na prestação de diversos serviços à Comunidade; responsabilidades administrativas e direção de alguns setores; encargos educativos e apostólicos; atividades de evangelização em terra de missão.

Via a necessidade e a riqueza da sua presença na Congregação, participando na obra apostólica da Comunidade, em

ocupações mais próprias do leigo do que do sacerdote, e na possibilidade de dar testemunho cristão e de levar sua obra evangelizadora aonde o sacerdote resultaria inoportuno ou não poderia chegar.

Dom Bosco, na sua ânsia de salvar a juventude, não se serviu somente de colaboradores esporádicos e isolados, mas, inspirado pelo Espírito Santo, reuniu os mais fiéis e *adjuntos* em uma Congregação: portanto, não serão os indivíduos em particular que levarão à frente sua missão, mas as suas Comunidades, “formadas de eclesiásticos e de leigos” fraternal e profundamente integrados entre si. Por isto, somente dentro da Comunidade fraterna e apostólica pode ser estudada e valorizada, adequadamente, a dimensão exata de cada salesiano.

O Salesiano Coadjutor não é um “eclesiástico” nem tão pouco simples-

mente um “leigo”: é um batizado chamado por Deus a se doar totalmente a Ele em Cristo, para servi-lo como “religioso leigo” na Congregação Salesiana.

Nela, em comunhão com o salesiano sacerdote, realiza, com o espírito de Dom Bosco, a missão específica de promover a educação cristã integral dos jovens, especialmente dos mais pobres.

Todas as atividades do Salesiano

Coadjutor — catequéticas, missionárias, evangelizadoras ou educativas, culturais, administrativas, burocráticas ou domésticas — têm um sentido e um valor educativo-pastoral dentro da Comunidade Salesiana-apostólica, constituem um verdadeiro testemunho comunitário, e estão intimamente relacionadas entre si, e todas juntas, dirigidas a Cristo.

(De *En Familia* —
Boletim Salesiano do Uruguai — 1978)

Leigos Consagrados em Estilo Salesiano

Raimundo Rabelo de Mesquita

Ao comemorarmos cem anos dos salesianos no Brasil, não é possível deixar no esquecimento a presença do Salesiano Coadjutor na história do Brasil Salesiano.

Sua presença deixou, ao lado da lembrança de homens de virtudes, também seu valor profissional: o Santuário Coração de Jesus em São Paulo, o Monumento e a Basílica de Niterói, inúmeros outros colégios por eles construídos. O dinamismo das Escolas Profissionais, quando elas ainda eram formas de chegar até nossos destinatários; o valor missionário de outros que hoje estão perdidos talvez em sepulturas anônimas em nossas missões.

No início da Congregação Salesiana, encontramos um Dom Bosco perturbado ao ver a *Generala* repleta de jovens delinquentes.

Com outros tantos jovens abandonados ele se encontra pelas ruas de Turim até o momento do encontro histórico com Bartolomeu Garelli, dia 08-12-1841.

Sua criatividade começa a funcionar.

Procura trabalho para seus meninos entre as oficinas da cidade, faz contratos com patrões, compra a Casa Pinardi para os que não tinham onde morar.

Surgem o teatro, a música, os jogos, o oratório festivo, com todas as novidades que Dom Bosco sabe criar.

É justamente neste momento, quando a seu lado alguns outros sacerdotes já colaboram com ele, que Dom Bosco sente a necessidade de ter seus leigos consagrados, não mais como as Ordens da época, unicamente com o número suficiente para preencher as vagas da cozinha ou da portaria, mas tantos quantos viessem até ele para ajudá-lo em todos os setores da vida do Oratório, na salvação da juventude pobre e abandonada.

Ele sente a necessidade destes homens que, não sendo ligados ao ministério sacerdotal, fossem educadores e pastores

dedicados à promoção integral dos jovens e das classes populares, que assumissem não só obrigações de ordem cultural, profissional, social e econômica, mas também de ordem catequética, litúrgica e missionária.

A importância desses homens na formação do Oratório e para a mesma Congregação é tão grande que o próprio Dom Bosco é o primeiro a dizer que em muitos setores eles serão insubstituíveis.

Padre Aubry no seu livro *Um caminho que conduz ao amor*, ao comentar o artigo 37 das Constituições, cita a célebre frase de Dom Bosco em São Benigno, em 1883: "Há coisas que o sacerdote não pode fazer".

Diz que muitos quiseram interpretar esta frase como se Dom Bosco houvesse dito: aos sacerdotes as coisas importantes, aos coadjutores o resto.

O mundo do trabalho marcou as primeiras atividades concretas de Dom Bosco em benefício de seus meninos.

O operário, dizia Dom Bosco, aspira à independência, ajudemo-lo a conquistá-la cristãmente.

Ele, o operário, se revolta contra o capital, porque ninguém lhe dá os meios para melhorar sua sorte; ajudemo-lo a sentir que a vida e o trabalho não são um peso ou um castigo para suportar, mas uma conquista a ser feita com sua capacidade, sua inteligência, seus valores, que são dons de Deus.

Assim agia Dom Bosco, inicialmente espalhando pela cidade de Turim seus meninos, até o momento das escolas profissionais.

Talvez este mundo do trabalho esteja sendo hoje menos explorado por nós Salesianos que nos tempos de Dom Bosco.

Ajudando a juventude pobre e desamparada a encontrar um trabalho onde fosse possível não ganhar apenas o pão, mas princípios cristãos, escolhendo os locais de trabalho, Dom Bosco ajudava os primeiros aprendizes a conquistar a dimensão social da própria vida de marginalizados, procurando prepará-los para uma participação mais ativa através de uma qualificação profissional, fazendo que eles, com seu próprio esforço, fossem agentes de sua promoção, de sua libertação da marginalização, levando-os a reconhecerem seus valores, evitando que fossem explorados, instituindo os primeiros contratos de trabalho com seus patrões numa época em que nem os contratos coletivos eram possíveis, numa sociedade industrial que se iniciava, tendo como objetivo, unicamente, o desenvolvimento econômico mesmo em sacrifício do mesmo homem.

Para Dom Bosco a conquista de um mundo mais justo, não seria e nem será realizada unicamente com uma alta preparação profissional.

Aqui é que toma significado e relevo a presença do Salesiano Coadjutor como presença evangelizadora, a partir do que ele é, da forma como ele se apresenta.

Em meio a essa juventude, cuja escolha de vida já nasce condicionada pela própria situação de pobreza e que quer chegar ao mínimo de segurança social, pagando mais caro que todos os outros o preço desta caminhada, sofrendo muitas vezes em silêncio estas divisões de classe ou então, enchendo as *Generalas* quando

quebram o silêncio, é no meio dela que o Salesiano Coadjutor deverá ser o sal da terra, a luz que dará sentido a este mundo do trabalho.

Sua alegria, que nasce da libertação de si mesmo, sua maneira de ser, sua disponibilidade a este mundo do trabalho trará a prova de que Deus está presente.

Mas, o que vem a ser este mundo do trabalho?

As escolas profissionais?
A indústria?

Reduziríamos muito a amplitude desse mundo do trabalho se o classificássemos apenas assim.

Ele, o Salesiano Coadjutor, está presente nesses lugares citados, como em meio às florestas de cimento armado em que se transformam nossas cidades.

Ele está presente pelos grandes supermercados, pelos elevadores, que incansavelmente transportam para as alturas dos edifícios, aqueles que governam e comandam o mundo.

Ele está presente nos blocos de escritórios onde o homem se sente pequeno diante dos computadores e frio ao tratar seus semelhantes.

Ele está presente em todos os lugares onde a presença do sacerdote irá incomodar, e onde o Salesiano Coadjutor tem toda possibilidade de se fazer presente pela sua situação não eclesialística.

É nesse mundo do trabalho que está Dom Bosco preocupado, inquieto, sonhando com as realidades de cada dia, tornando-se aquele homem de Deus, com

sua criatividade formidável, tudo em direção a seus *Birichini*.

Talvez, mais do que nunca, este é o momento do Salesiano Coadjutor. E se a realidade é outra, não é porque não existe um mundo pedindo e clamando por ele, não é porque a juventude da América Latina não é mais um campo de ação, mas, é porque existe algo errado em nós, em nossas comunidades, em nossa forma de ser salesiano hoje, neste momento histórico para a América Latina — O que é mais necessário é um conversão nossa, de cada um de nós, de nossas comunidades locais e inspetoriais.

O CG21 falando desse mundo do trabalho se refere não tanto à materialidade junto ao trabalho como fato cultural e social; coloca o Salesiano Coadjutor como o educador salesiano que, fiel ao seu ser de “religioso leigo”, está em condições de saber o bem que está presente no mundo do trabalho (um projeto personalista, comunitário e solidário da sociedade e do homem), mas, assinalar ao mesmo tempo os males que ameaçam (visão materialista da vida, fechado às realidades espirituais, individualismo, inveja, sentimentos de hostilidade, tentação da violência).

Escola Profissional, Centro Juvenil operário, movimento cristão de operários jovens são, entre outras, estruturas válidas para a ação educativa do Salesiano Coadjutor, segundo um projeto alternativo de trabalhador.

Tornar o passado vivo é condição para acertar o futuro; e perder a capacidade de fazer o passado falar, é perder também a liberdade para criar o futuro.

Dom Rinaldi, em carta circular de

1927, ao apresentar o caminho de ação do Salesiano Coadjutor, fez um breve comentário sobre o leigo nas outras Congregações.

Diz o seguinte:

“Ao alcançar o número necessário para as atividades domésticas da comunidade, o chamado divino deveria suspender sua atividade, porque as pobres vocações leigas estavam sem vaga.

O irmão leigo havia sido transformado em ‘acessório’ para as necessidades domésticas da vida religiosa”.

Dom Bosco abriu a perfeição religiosa não só para um determinado número de leigos, mas a todos que se sentem chamados à santidade, exercendo apostolado na educação de juventude pobre e abandonada ou em terras de missão.

O convite do Senhor não é unicamente aos chamados ao sacerdócio ou para o reduzido grupo destinado aos serviços do-

mésticos da comunidade religiosa.

O convite é feito a todos que querem viver a vida religiosa, consagrando sua vida e suas atividades como professores e bacharéis, como assistentes desta multidão de jovens, dia e noite, mestres e chefes nas diversas especialidades das escolas profissionais ou agrícolas.

Deste modo, Dom Bosco coloca a perfeição religiosa ao alcance de pessoas dentro do exercício mesmo das mais variadas profissões culturais, artísticas, mecânicas, agrícolas.

A Congregação salesiana tem campo de ação para as mais variadas categorias.

Os mesmos instruídos se santificarão nos trabalhos mais simples da casa, os professores em suas cátedras desde as primeiras elementares à universidade, os mestres de arte em seus laboratórios e os agricultores no campo, todos, tanto nos colégios dos países mais desenvolvidos como em terras de missão. ■



SIGNIFICADO HISTÓRICO DA PRESENÇA DOS SALESIANOS NO BRASIL

A Organização dos Ex-Alunos Salesianos

Riolando Azzi

Ao se estabelecerem no Brasil no dia 14 de julho de 1883, os discípulos de Dom Bosco vinham movidos, primordialmente, por seu ideal de educação da juventude. Os ex-alunos dos institutos salesianos constituem o testemunho mais palpável do êxito dessa atividade educacional.

Em carta escrita de Roma a 10 de maio de 1884 — dez meses após a chegada dos Salesianos a Niterói — Dom Bosco exortou seus discípulos a reverem a aplicação do sistema preventivo nos colégios, à luz de um sonho-visão, em que, segundo seu relato, fora guiado por dois antigos alunos, José Buzzetti e Valfré. Eis como o próprio Dom Bosco se expressa:

“Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, de movimento, de alegria. Quem corria, quem saltava, quem fazia pular os outros. Aqui havia o jogo da rã, ali a barra ou a bola. Num lugar havia um grupo de jovens, que pendiam dos lábios de um padre a narrar-lhes uma história. Em outro lugar um clérigo, no meio de outros meninos, brincava de “burro-voa” ou de “Jerônimo”.

“Cantava-se e ria-se à vontade; em toda a parte viam-se clérigos e padres, e em torno deles, meninos divertindo-se alegremente. Via-se que entre jovens e superio-

res reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado perante este espetáculo, e Valfré me disse: — Veja: a familiaridade traz o afeto, e o afeto produz a confiança. É isto o que abre os corações”.¹

Dentro de suas limitações, procuraram os Salesianos criar em seus institutos esse ambiente familiar, em que se fortalecem os vínculos de afeto dos discípulos para com os seus mestres. Ao deixar o colégio, muitos dos antigos alunos continuavam a manter contato com seus educadores. Como já estava ocorrendo em outros países, sentiu-se necessidade de dar a esses encontros um caráter mais estável.

Já na primeira década do século XX, ao que tudo indica, começaram a surgir as primeiras organizações locais de ex-alunos. O cronista Luís Marcigaglia refere-se a esses primórdios, ressaltando a organização de São Paulo:

“Em muitas casas havia reuniões e assembleias de ex-alunos e até mesmo associações e grêmios. Mas eram atividades locais e geralmente efêmeras. Em São Paulo, a organização local precedente tinha o nome de *Grémio São Paulo*. Teve uma vida benemérita e atividade muito brilhante, sob a direção do P. Antônio Marcigaglia. Fundado a 29-09-1906, funcionou até 19-03-1911. Aqueles moços abnega-

dos conservavam o teatro colegial em constante atividade, com muitas festas dramáticas e boas execuções musicais para o Oratório Festivo, para os alunos internos e externos e para as famílias. Os sócios do Grêmio ajudavam eficientemente no Oratório Festivo, tomando conta da disciplina e dando aula aos oratorianos. Foi o *Grêmio São Paulo* que fundou as Aulas Noturnas do Liceu. Era um curso gratuito e os mesmos sócios se encarregavam de lecionar”.²

Ao assumir o governo da Inspetoria N. S. Auxiliadora em 1909, o padre Pedro Rota decidiu incrementar as associações de ex-alunos nos colégios.

Como estavam sendo programadas para o ano de 1910 solenidades para a celebração das Bodas de Ouro Sacerdotais do padre Rua, superior geral da Congregação, um dos números programados era a inauguração da nova sede para os ex-alunos no Rio de Janeiro. Embora o padre Rua tenha falecido antes das solenidades, a idéia continuou a ser levada avante. De Niterói, o padre Rota informou ao padre Gusmano, em carta de 30 de abril de 1910:

“Um dos números das nossas festas para o jubileu do P. Rua era a organização da associação dos Ex-Alunos no Rio e em São Paulo. Aquilo que não foi possível fazer em sua homenagem, se fará como lembrança de sua memória, e amanhã, 1º de maio, se realizará no Rio a primeira reunião geral; em São Paulo será também durante o mês de maio”.³

O encarregado de dirigir a nova sede do Rio de Janeiro foi o P. Luiz Zanchetta, terceiro diretor do Colégio Santa Rosa. Desde o dia 24 de abril ele convocara os

ex-alunos do Colégio Santa Rosa, com uma carta circular que se iniciava com o seguinte tópico:

“Lembranças de tempos idos, reminiscências de dias íntimos e serenos proporcionam-nos o grato ensejo de novamente nos vermos, nos abraçarmos e nos entretermos em doce e amigável palestra, e assim darmos à saudade meigos sentimentos das almas nobres e delicadas o justo tributo que de contínuo nos pede.

É com esta consoladora esperança, pois, meus caros confidentes, é com esta fagueira perspectiva que vos convido para uma reunião inicial a realizar-se no domingo, 1º de maio, às 2 horas da tarde no Gabinete Português de Leitura, reunião presidida e abrilhantada pelo Revmo. Sr. P. Pedro Rota, DD. Inspetor dos Salesianos do Sul do Brasil, e 2º Diretor do Colégio Santa Rosa”.⁴

O incremento que essa associação de ex-alunos do Rio de Janeiro recebeu nos primeiros anos transparece claramente por uma nota publicada no *Boletim Salesiano* de 1914:

“Nesta prestante associação, constituída juridicamente em 1910, vai criar-se uma Conferência de São Vicente de Paulo.

Os nossos parabéns aos esperançosos mancebos, que tendo já aulas noturnas de línguas, um grêmio dramático, uma *Schola cantorum*, e reuniões mensais com esplêndidas conferências religiosas, morais, apologéticas e literárias, se preparam pela nova obra para alargar a esfera de sua ação salutar e benfazeja”.⁵

Sobre a associação de São Paulo, escreve Marcigaglia:

“No dia 19 de março de 1911 foi fundada, em São Paulo, mais ou menos nos moldes atuais, a Associação dos Ex-Alunos Salesianos: E.A.S. Era assim que então se chamava e esta a sua abreviatura”.

E mais adiante o cronista acrescenta:

“À testa da E.A.S. de São Paulo pôs o inspetor o P. Mário Maspes, que viveu e morreu pela associação. Conseguiu construir uma imponente sede social, que não tem igual em toda Congregação”.⁶

Nesse mesmo ano fundava-se no Recife a primeira associação de ex-alunos salesianos.

O P. Carlos Leôncio da Silva refere-se a ela nestes termos:

“Remonta pois ao ano de 1911 a organização regular desta associação neste colégio. Celebrava-se com efeito em São Paulo um Congresso Nacional de Antigos Alunos, comemorando as Bodas de Prata da fundação do Liceu Coração de Jesus. O P. Lourenço Giordano, que tinha sido seu fundador e diretor durante nove anos, foi naturalmente a figura central destes festejos e reuniões. Quis levar consigo, do colégio do Recife, já sendo inspetor salesiano do norte do Brasil, um representante dos ex-alunos não só deste colégio mas dos outros já fundados, como o Liceu da Bahia, o Colégio São Joaquim e o de Jabotão. A escolha caiu sobre Eduardo Valois Correia, que fora o primeiro aluno do Norte, recebido no primeiro colégio salesiano do Recife. E a escolha foi muito acertada”.

Ao voltar de São Paulo, Eduardo Valois decidiu levar avante a idéia da associa-

ção: a 1^o de outubro desse mesmo ano reuniu-se um grupo de ex-alunos sob a presidência do diretor do colégio P. Teófilo Tworz e fundaram a associação dos Antigos Alunos de Pernambuco.

E Carlos Leôncio acrescenta:

“Festas cívicas comemorativas, festivas lírico-musicais, representações teatrais, grupos esportivos, foram as principais expressões desses grupos abnegados de ex-alunos.

Fundaram a Escola Noturna gratuita D. Giordano sobretudo para a alfabetização dos adultos; organizaram a Conferência Vicentina de N. S. Auxiliadora; serviram alguns nas aulas de catecismo para os presos da Cadeia ou Casa de Detenção”.⁷

Outras associações surgiram em seguida. A 24 de novembro de 1912 fundou-se na Bahia uma associação de Antigos Alunos promovida pelo diretor Clélio Sironi.

Em 1913, em viagem pela América do Sul, para examinar a situação dos emigrantes italianos, o P. Estevão Trione visitou também o Brasil. De São Paulo, endereçava ele uma carta circular aos cooperadores e antigos alunos salesianos, onde afirmava:

“Aproxima-se o ano de 1915, o centenário do nascimento do venerável Dom Bosco.

Para que os cooperadores e antigos alunos salesianos, nas ocasiões do centenário, possam apresentar-se bem organizados, é meu desejo aproveitar a minha curta permanência no Brasil para trocar idéias e consolidar a união entre eles.

Chego a esta próspera nação bem persuadido de que não preciso aconselhar os cruzados do bem; antes julgo vir a conhecer aqui o segredo do assombroso desenvolvimento da ação católica no Brasil”.⁸

Nesse mesmo ano, como preparação para a inauguração do Monumento de Dom Bosco em Turim, o P. Felipe Rinaldi propunha um programa de atividades para todas as organizações de ex-alunos existentes nos diversos países.

Em primeiro lugar, um programa mínimo: fazer um catálogo ou fichário de todos os ex-alunos do colégio, com indicação do tempo e condições de frequência, com o seu endereço atualizado. Obtidos os endereços, convidar a todos, sem exceção, para um dia de confraternização, com parte religiosa e social.

Havia depois um programa médio: selecionar entre os numerosos ex-alunos aqueles que deveriam constituir o núcleo da União dos Ex-Alunos de cada colégio. Com esses elementos eleger uma diretoria, redigir os estatutos e fazer reuniões mensais.

Por fim, era indicado um programa máximo. No seio de cada união organizar diversos grupos ou departamentos: conferências vicentinas, centros de recreação, clubes esportivos, centros de cultura e formação religiosa, conferências periódicas.

O movimento de ex-alunos, já existente no Brasil, assumiu então novo incremento. Tal fato se deve ao dinamismo do P. Pedro Rota. Marcigaglia ressalta esse aspecto, escrevendo:

“O fundador dessas associações de ex-alunos no Brasil foi o P. Pedro Rota,

inspetor, o qual quis que as houvesse em todos os colégios da Inspetoria, embora com programa mínimo. Seguiu nisto as diretrizes do P. Felipe Rinaldi, a quem se deve o movimento geral da organização mundial dos ex-alunos salesianos”.⁹

Educador exímio, Rota fora anteriormente o segundo diretor do Colégio Santa Rosa, deixando uma impressão salutar entre seus discípulos daquela época. Por ocasião de sua morte, Ernesto Cerqueira recordava esses tempos colegiais, referindo-se com estas palavras ao seu antigo superior:

“Ninguém o excedia em bondade, em doçura, que não excluía, aliás, a energia de ação e a intransigência de princípios. Educador, os seus discípulos rodeavam-no com a confiança e a alegria de filhos espirituais, certos de que jamais uma palavra áspera, um gesto de enfado, um movimento de hostilidade partiria do “padre diretor”. Chefe da comunidade, os seus colegas de magistério, dentro da severidade das regras de congregados, sentiam-se felizes em obedecer a quem, mais pelo exemplo, os convidava à disciplina e à virtude. Tal o diretor do colégio Santa Rosa, em Niterói, quando ali fiz meus estudos, vai para quarenta anos.

Neste longo período de tempo, só reminiscências gratas me ocorrem ao espírito, quando a saudade me transporta à meninice e me faz recordar as cenas e episódios da vida colegial”.¹⁰

Em modo análogo ao padre Rota, também outros superiores dos colégios salesianos foram recordados por seus antigos alunos, testemunhas através das diversas épocas e lugares da riqueza de valores do sistema educacional de D. Bosco.

NOTAS

- 1 **Carta de Dom Bosco escrita em Roma em 1884**, folheto s/d, pp. 2-3.
- 2 *Marcigaglia, Luís, Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Salesiana Editora, 1958, v. II, p. 113.
- 3 Arquivo da Congregação Salesiana, Roma.
- 4 Arquivo da Inspeção São João Bosco, Belo Horizonte.
- 5 **Boletim Salesiano**, 1914, setembro, p. 251.
- 6 *Marcigaglia, Luís*, o.c., p. 113.
- 7 *Silva, P. Carlos Leôncio da, Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*, Lorena, 1967, p. 118.
- 8 **Santa Cruz**, ano XII, 1913, novembro, pp. 464-465.
- 9 *Marcigaglia, Luís*, o.c., p. 113.
- 10 **Jornal do Brasil**, 1931, 30 de agosto.



DOM BOSCO E SUA OBRA

DOM BOSCO, pela VIRGEM inspirado,
Em VALDOCO instituto organizou
Que foi logo na Itália divulgado
E pelo mundo inteiro se lançou.

Estudo e ofício foi aos pobres dado
Com a Ordem Salesiana que fundou,
Sem riquezas ou bens, fundamentado
No construtivo amor que propagou.

Com os seus Oratórios tão festivos,
A recordar os tempos primitivos,
Assiste, assim, DOM BOSCO à mocidade.

Pois com carinho leva-lhe instrução,
Moldando os jovens na religião
Para que alcancem a felicidade.

Motivo de *Julio Xavier de Figueiredo* e
poesia de *Alberto Vale* (ex-alunos) – 1983

AS MISSÕES DO RIO MADEIRA

II - A Prelazia de Porto Velho

D. Miguel D'Aversa

Pela Bula "INTER NOSTRI" de 1º de maio de 1925 o S. Padre Pio XI criava a Prelazia de Porto Velho. No entanto a notícia só se tornou oficial em 21 de agosto de 1925, com o Decreto de execução da Bula, assinada pelo Núncio Apostólico.

Mons. Pedro Massa, pelo Decreto da S. Congregação Consistorial, de 25 de julho de 1925, foi nomeado primeiro Administrador Apostólico da Prelazia de Porto Velho. A 31 de outubro tomava posse legal.

A 25 de dezembro de 1925 o P. Pedro Chislandi, tomou posse "in loco" em nome do Administrador Apostólico; estava também presente o P. Noé Gualberto de Lima, secretário de Mons. Massa.

No dia 1º de janeiro de 1926 o P. Chislandi inaugurou solenemente a Igreja de Guajará-Mirim e o P. Noé ficou em S. Antônio para serviços pastorais; mas isto por pouco tempo, porque ambos regressaram a Manaus. Somente no dia 9 de novembro de 1926 chegava a Porto Velho o P. Dr. Antônio Carlos Peixoto, que recebeu os cumprimentos das autoridades antes mesmo do desembarque. No dia seguinte o P. Peixoto celebrou a S. Missa ajudado pelo próprio Prefeito da Cidade, Cel. Prudêncio Bogéa de Sá.

Faltando a igreja, era pouco o movimento religioso. Provisoriamente funcionava como Capela uma casa de madeira, que já servira de escola, à rua 7 de setembro. Foi, desde logo, a primeira residência salesiana. Apelidavam-na desde muito, o "VATICANO". Pouco confortável; entretanto a boa vontade de muito bons fiéis e amigos deu começo a uma grande obra.

O P. Antônio Peixoto, que por enquanto era apenas "encarregado", cuidou de conhecer o resto da Prelazia. Em S. Antônio notou que a localidade estava em franco declínio. Em Humaitá, sede da paróquia incluindo Porto Velho, foi recebido por muitas famílias tendo à frente o Dr. Frederico Monteiro, deputado estadual, o qual manifestou o desejo ardente que a sede da Prelazia fosse Humaitá. Este desejo não era mais possível de ser atendido e isso deixou os humaitaenses profundamente magoados.

O P. Antônio foi ainda visitar Abunã, Guajará-Mirim, Fortaleza do Abunã, Jaci-Paraná, cuidando de modo particular da ereção de capelas onde ainda estavam faltando. Por onde quer que ele passasse, deixava grupos de senhoras e senhoritas para o catecismo. Naqueles primeiros tempos foram elas as auxiliares de que o P. Peixoto lançou mão em larga escala, sobretudo para a catequese duma vasta

região que contava apenas com um sacerdote. O catecismo para as crianças da 1ª comunhão e a lembrança dos fiéis defuntos eram duas outras preocupações que acompanhavam o P. Peixoto em suas exaustivas viagens.

Era necessário acima de tudo erguer um templo condigno que pudesse produzir os frutos desejáveis com um ministério metódico. Após muitas discussões, a idéia geral se fixou na praça, onde a 3 de maio de 1917 o então bispo diocesano, Dom João Irineo Joffily, lançou a pedra fundamental da futura matriz de Porto Velho, e celebrara Missa Campal. Foi organizada uma Comissão Central que, desde logo, dedicou uma carinhosa atividade para a igreja projetada. De longe Mons. Massa, recomendava que a construção, as dimensões e linhas arquitetônicas obedecessem a um plano relativo à importância que o templo ia assumir, com os direitos e prerrogativas de Catedral. No fim de setembro foram iniciados os trabalhos.

A instrução e educação juvenil era outro problema básico que precisava de uma urgente solução. Os meninos, cujos pais eram de classe mais alta, estudavam no estrangeiro ou pelo menos no Rio de Janeiro ou Manaus. Os demais empregados, ainda que aparentemente recebessem altos ordenados, não tinham possibilidade de internar os próprios filhos fora de Porto Velho. Aí havia escolas mantidas pelo Estado e pelo Município, mas eram puras

ficções. Em meados de 1927 o P. Peixoto, em nome de Mons. Massa, solicitara ao Presidente da Câmara Municipal de Porto Velho uma subvenção para a instalação de um Colégio Salesiano naquela cidade. E a petição foi deferida favoravelmente com o Projeto-Lei Nº 1, de 26 de outubro de 1927.

P. Peixoto queixava-se de que vivia numa terra onde passavam anos sem ouvir uma Missa, uma ladainha, onde os velhos se esqueciam do que haviam aprendido no Ceará, e encontravam, pelo contrário a miséria e a injustiça; perdiam a saúde, morrendo na miséria, sem ter coisa alguma que legar aos filhos. Esses, por sua vez, cresciam sem nenhuma educação e na mais completa ignorância religiosa.

Era evidente que os cuidados espirituais haviam de ser aumentados. Nesse sentido o P. Peixoto insistiu junto ao Superior Geral para que fossem mandados mais sacerdotes. Em 1928 começaram a chegar ao Padre Peixoto os primeiros auxílios de pessoal. Não podia ser diversamente, já que as febres palustres continuavam a prostrá-lo cada vez mais.

(continua)

Nota:

Este é o segundo artigo sobre as "Missões do Rio Madeira". Veja o 1º em Centenário em foco, julho 1982, págs. 18-19. ■



CONHEÇAMOS A FAMÍLIA SALESIANA

O Instituto dos Sagrados Corações de Jesus e Maria

Um Instituto Religioso, surgido de um Lazareto, proclama sua pertença à Família Salesiana e se caracteriza por sua espiritualidade "vitimal" (inspirado no pensamento do Padre André Beltrami) e pelo carisma apostólico de Dom Bosco. É a Congregação ou o Instituto dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria.

Foi fundado em 1905 pelo Servo de Deus Padre Luís Variara, salesiano, apóstolo dos Leprosos (1875-1923) em Agua de Dios, com o carisma específico de "atender e cuidar dos leprosos".

Hoje possui quase 400 religiosas distribuídas em umas 50 casas, esparsas pela Colômbia, Equador, Venezuela, Bolívia e República Dominicana.

Cronologicamente esta foi a primeira Congregação ou Instituto a surgir da cepa salesiana e a primeira a dar sua adesão plena à Família Salesiana. O Instituto das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de

Maria foi fundado para oferecer uma possibilidade de consagração religiosa às jovens leprosas ou mesmo sadias, mas filhas de leprosos.

Abençoado por Deus, esse Instituto, no seu Capítulo Geral de 1975, decidiu a fundação de um Instituto paralelo secular, misto, podendo admitir em seu seio também pessoas leprosas que, mesmo continuando a viver em suas casas, possam realizar, na congregação, o carisma "vitimal" do Instituto.

Em 1976 já havia o primeiro consagrado do novo Instituto na pessoa do Padre equatoriano Augusto Naranjo Carrera. Entrementes, em Agua de Dios um grupo de seis homens e doze mulheres, depois de três anos de preparação, haveriam de emitir o seu ato de "consagração vidual" em 1981.

Já nos primeiros tempos eram registrados mais grupos em outras oito localidades.

Jovens Cooperadores a Serviço dos Jovens

ANNABEL CLARKSON é uma jovem cooperadora inglesa que deixou seus estudos para freqüentar a Pontifícia Universidade Salesiana de Roma e especializar-se em Espiritualidade Salesiana. Realizou sua tese sobre "Linhas de uma espiritualidade para o Jovem Cooperador Salesiano".

Da sua tese extraímos alguns trechos que, enquanto podem ser úteis para os Jovens Cooperadores, ainda são para eles um convite a aprofundar cada vez mais o conteúdo da sua vocação.

A espiritualidade do Jovem Coopera-

dor está centrada em Cristo Ressuscitado; é uma vida evangélica como a de Dom Bosco; a serviço da Igreja local. Nós, Cooperadores jovens, somos cristãos — leigos — salesianos. Continuamos a missão de Dom Bosco na Igreja, hoje, tendo presente sua visão educadora em nosso trabalho com os jovens. Jovens, primeiros apóstolos dos jovens (A.A.12). Os primeiros grupos de Jovens Cooperadores nasceram há mais de 12 anos depois do Vaticano II. Não constituem uma Associação *a se*, mas são um grupo juvenil de uma Associação única, constituída também de adultos. Existe uma atividade específica que os distingue, mas a “promessa” é a mesma.

Um Jovem Cooperador é somente um Cooperador que agora é jovem, mas que um dia perderá essa “etiqueta”.

ESPIRITUALIDADE

É apostólica e missionária, centrada claramente em Cristo Ressuscitado (cf. NR 15). Adesão viva não só ao Cristo do passado, mas sobretudo ao Cristo hoje, atual, meditado no Evangelho, tomado como centro nos Sacramentos, sobretudo na Eucaristia.

O Cooperador, em força do Batismo, segue Cristo segundo o Evangelho, pondo em evidência alguns dos seus valores, em estilo salesiano. Vida evangélica e estilo salesiano são componentes de uma importância idêntica que se integram na vida cotidiana (cf. art. 41, Constituições SDB).

A espiritualidade se vive nas Bem-aventuranças, de modo diferente, segundo as condições concretas e as vocações especiais. Cada um segundo o que Deus lhe pede. Nos três Conselhos de Pobreza, Castidade e Obediência (cf. NR 5) há um ver-

dadeiro encontro de todos os Salesianos, religiosos e leigos: uma alma espiritual condivida por todos, uma identidade de espírito.

A fidelidade dos Salesianos a seus votos é, para os Cooperadores, um convite permanente a não perder de vista estas exigências evangélicas.

SALESIANIDADE

Um aspecto muito característico dos Jovens Cooperadores é que seu projeto de vida é uma participação de tipo juvenil e laical no carisma de um grande Fundador: — Dom Bosco. É importante ler sua vida para conhecer em profundidade seu estilo, e imitar esta “esplêndida união de natureza e de graça” (NR 18). Dom Bosco é uma “presença carismática, viva, operante e orientada para o futuro” (CG 21). Não nos deixou um código de sua espiritualidade. Sua espiritualidade é vivida, é experimental, é vivencial. Ele nos gerou espiritualmente. Por isso podemos comprometer-nos mais numa colaboração criativa do que numa repetição passiva. Ele dá sentido unitário a cada um dos elementos da nossa vida salesiana, desde a vida interior até a coesão fraterna, a co-responsabilidade, os programas apostólicos.

Fidelidade ativa ao carisma comum (SDB - FMA - CC). É um vínculo que nos une a todos os membros e dá um caráter próprio a cada grupo da Família Salesiana. Seus membros devem saber interpretar o seu carisma e julgar o que faria Dom Bosco hoje para ser dócil ao Espírito Santo nas atuais circunstâncias.

Trabalhamos como Dom Bosco, que sabia fazer do trabalho uma oração. O trabalho nos santifica:

1) porque aquele que o executa sabe que é enviado por Deus; 2) porque é feito com um certo espírito, fundado na caridade pastoral, que implica uma adesão a Cristo e uma total disponibilidade ao seu serviço. Este trabalho incessante e sacrificado é a pessoa de Dom Bosco em ação que amava Deus em seus jovens e seus jovens em Deus. Este caminho “místico ativo” é o mais difícil; é, todavia, o único possível para os que querem ocupar-se dos jovens mais pobres e abandonados. Toca, portanto, a nós, Jovens Cooperadores, “colaborar com Deus para construir uma Sociedade mais humana (NR 16) imitando Dom Bosco.

ECLESIALIDADE

A dimensão eclesial do apostolado está conforme com o que Dom Bosco quis dos seus Cooperadores: “Prestar ajuda à Igreja, aos bispos, aos párocos... ajudar a uma das muitas obras que se encontram na Igreja Católica”. Aqui estamos como grupo. E não podemos começar a ser e a fazer Igreja num lugar melhor do que na paróquia. De modo diverso, porém sempre abertos, como animadores dos Centros Juvenis, nas Celebrações litúrgicas, nos encontros com o Clero local etc.

Cuidemos da Igreja Doméstica — Também a casa pode ser lugar de encon-

tros de oração, de fraternidade e de intercâmbio de experiência. Ainda mais, chega a ser Igreja no verdadeiro sentido da palavra, onde participamos da Eucaristia (com o consentimento do pároco). Antes que as Igrejas tivessem paredes, os primeiros cristãos eram Igrejas vivas. Assim devemos ser hoje nós, os Jovens Cooperadores.

Conclusão:

Há uma exigência de profunda espiritualidade nos jovens de hoje, um desejo de buscar nos valores do espírito algo que dê sentido à sua vida. Os jovens sentem, de um modo natural, a exigência da oração, da meditação, em oposição a um mundo que só tem, como critério de valor a “ação”. Querem ser autênticos, verdadeiros.

Nós, os Cooperadores Jovens, devemos dar a todos os demais jovens o nosso testemunho. Organizamo-nos preferivelmente em grupos para tornar mais eficaz este testemunho. Onde, porém, isto não é possível, trabalhamos igualmente no ambiente da nossa escola, paróquia ou Oratório. Nós, os Cooperadores Jovens, tendemos para um projeto de vida cristã a serviço dos irmãos jovens, segundo o carisma salesiano. Estamos a caminho para Deus. ■



NITERÓI SALESIANA CENTENÁRIA

A Casa de Niterói, entre um século e outro

P. Luis Marcigaglia

O Colégio Santa Rosa tem novo diretor, o 3º da série, o muito benemérito P. Luiz Zanchetta. Foi eleito no princípio de 1894. Mas durante aquele ano o colégio não funcionou, era preciso aguardar, antes de mais nada, a remoção do Hospital, que lá fora instalado em Setembro de 1893, remoção que só foi feita em maio. A seguir, dever-se-ia consertar e remodelar a casa, que naturalmente tinha sofrido bastante com a ocupação militar e outros serviços.

O conserto do edifício foi muito facilitado pelas subvenções do governo, que, reconhecendo a benemerência dos Salesianos, achou que devia custear os trabalhos de reforma. Houve para isso uma verba extraordinária de 50 contos, do governo estadual. O mesmo Mal. Floriano Peixoto, Presidente da República, para demonstrar seu reconhecimento, fez donativo de 10 contos. Além disso, o governo do Estado, para auxiliar a educação de um grupo de alunos por ele internados, deu 20 contos.

Com esses oitenta contos — que naquele tempo era dinheiro — pôde o P. Zanchetta consertar e ampliar o colégio, que foi reaberto em janeiro de 1895 com boa matrícula, 230 alunos.

Em 1896, como reconhecimento pela assistência religiosa aos doentes do cruzador “Lombardia”, o governo italiano fez uma generosa oferta.

O diretor conseguiu ter em seu colégio um excelente grupo de professores e especialmente um capítulo¹ modelar e realmente formidável: é este o adjetivo que lhe cabe com justiça. Tal capítulo — sempre o mesmo durante longos anos, sempre muito disciplinado e unido — era constituído por estes Salesianos: P. Luiz Zanchetta, P. Dionísio Giudici, P. Angelo Alberti e P. Evásio Rivera.

Num grupo fotográfico do pessoal do Colégio Santa Rosa de 1896, encontramos, além dos citados capitulares, os seguintes Salesianos: Clérigos Emilio Lambughli, José dos Santos, Pedro Maneo, Emanuel de Oliveira, José Bertoni, Agostinho Coppedé, Emilio Pavan, José Paranhos e Sebastião Martins.

Coadjuutores: José Daneri, Baptista Trovamala, Carlos de Assis, Domingos Zannetti, Epaminondas Francklin e Felice Gavarino. Além desses, lá estava também o P. Antonio Varchi, o herói do caso “Lombardia”, episódio que contaremos em resumo mais adiante, pois é um fato que bem merece destaque.

Continuando nossa resenha histórica *à vol d’oiseau*, convém registrar que, no dia 15 de dezembro de 1901, foi lançada a primeira pedra do Santuário Nossa Senhora Auxiliadora, projeto do arquiteto salesiano Domingos Delpiano. Em 24 de dezembro de 1918 foi o Santuário inau-

gurado e aberto ao culto público, embora não estivesse terminado.

Em 14 de outubro de 1904, com grande solenidade e presença de muitas autoridades e amigos, foi inaugurado o "Ascensor" obra complementar ao Monumento e oferta da Engenharia Brasileira.

E para terminar, diremos que o número de alunos internos do colégio evoluiu da seguinte forma: No dia da abertura do internato, havia um pugilo de 10 alunos, que chegaram a 36 no fim do pri-

meiro ano de funcionamento (1884). Depois foram 170 em 1889 e 220 em 1893, sob a direção do P. Rota, e nem cabiam mais na primitiva casa. Mais tarde, ampliando os edifícios, o número subiu a 340 em 1897, a 38 em 1899 e a 421 em 1900.

P. Luís Marcigaglia, *Os Salesianos no Brasil*, págs. 86-88.

- 1 Por "Capítulo" se entende o conjunto de salesianos que ocupavam cargos diretivos nos colégios. Hoje se chama "Conselho".

O RELIGIOSO "VIVO".

— O religioso que vive sua vocação-missão, dentro de um projeto de vida, tem grande aspiração. Aspira e espera que a vida se torne experiência de Deus. É feliz, porque almeja e obtém a harmonia com os valores fundamentais da vida religiosa, isto é, da Congregação. A experiência de vida enche ou plenifica a esperança.

Atento à própria intimidade, que não é subjetividade, é levado a desejar uma esperança mais alta, que vai além dos interesses externos da vida religiosa.

Com o olhar sempre em Deus, recebe dEle o impulso para agir. Está sempre unido a Deus principalmente quando a missão pede que esteje com os homens seus irmãos. Não é conformista, mesmo quando se opõe a outros modos de vida religiosa que não se pautam pelas suas experiências. No comportamento ou modo de agir está sempre adequado aos valores fundamentais e às finalidades da vida religiosa. Olha o cumprimento da missão que quase sempre é manifestada na obediência. Sabe viver dentro das estruturas religiosas, mas como "infra-estruturas", isto é, como instrumentos para trabalhar e não como defesa da Ordem. Não tem visão de "realização pessoal". Inconscientemente sabe que a realização só é possível no "Reino". Sabe mais do que Garaudy que um religioso "realizado é um cristão mutilado". É eucarístico no sentido de S. Paulo: é acolhedor. Como a vida religiosa o acolheu com seus limites e pecados, ele acolhe o irmão. Com o irmão chega até Cristo, que o chama todo dia.

P. C.

PRESENÇA JOVEM

Festival Jovem de Música Cristã lembra o Centenário

F. de A. Monteiro

Com a vibrante participação de quase mil e trezentos jovens realizou-se, na cidade turística de Campos do Jordão, em São Paulo, o VI FESTIVAL DE MÚSICA CRISTÃ (SACRA SOM). Promovido pelo Serviço Salesiano de Pastoral Juvenil da Inspeção de São Paulo, o concorrido festival de música abriu as comemorações do centenário salesiano no Brasil.

Tendo a participação de dezenas de grupos juvenis, CEBs, oratórios, escolas e colégios de vários Estados do País, foram apresentadas cerca de 27 diferentes músicas com mensagens cristãs, selecionadas entre mais de cem nas várias eliminatórias. O objetivo desse grande evento juvenil salesiano, agora de alcance interinspetorial, aberto também a outros grupos eclesiais, era, através da música e da juventude brasileira, levar uma mensagem de maior fraternidade, mais justiça à uma sociedade egoísta, injusta e opressora dos mais fracos.

A fase do festival, em Campos do Jordão, começou com a concelebração de uma missa nos jardins da Vila Dom Bosco, a casa de encontros de jovens na Inspeção de São Paulo e terminou com a apresentação das músicas no amplo e moderno auditório cedido pela Secretaria da Cultura do Estado, em plena serra da

Mantiqueira. O auditório foi pequeno para conter o entusiasmo e o calor dos vários grupos e caravanas de jovens vindos do Mato Grosso do Sul e inúmeras cidades do interior paulista.

O VI Festival de Música Cristã ligado à Pastoral da Juventude e em sintonia com a Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo, quis dar um incentivo aos jovens a não apenas "lutarem" por suas letras e músicas, mas, de um modo concreto, assumirem corajosamente, dentro da realidade de hoje, os muitos serviços em defesa dos quase 25 milhões de menores carentes e abandonados espalhados pelo território brasileiro.

O Festival teve suas eliminatórias realizadas em várias cidades. A sua finalíssima, em Campos do Jordão, classificou cinco músicas, consideradas pelo júri as melhores e de mensagens verdadeiramente cristãs. O primeiro lugar coube a um grupo de seminaristas da diocese de Pouso Alegre, do sul de Minas Gerais, estudantes do Convívio Teológico São José, de Taubaté, com a música *Raízes Humanas*. A música do primeiro lugar fala de justiça e pede solução para os problemas que afligem o homem brasileiro, com a solidão e a exploração do homem pelo homem.

“Só amando a gente sente que o bem por nossas mãos se faz”, — falava o segundo lugar, obtido por um grupo de adolescentes da paróquia salesiana do Alto da Lapa, na capital paulista. Com a música *Esperança*, o grupo fala da carência do amor e da paz no mundo de hoje.

O terceiro lugar, bem como o quarto, foram levados por jovens de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, com as músicas *O anúncio de Jesus e Prece*. O quinto lugar foi para os alunos do colégio Dom Bosco de Piracicaba, com a música *Renascer*.

Entre os participantes do festival cabe um destaque a jovens vindo da periferia da cidade de São Paulo, muitos favelados, membros de comunidades de base. Também eles apresentaram músicas maravilhosas. Entre estas está a comunidade do bairro “nordestino”, Jardim Calu, onde alguns estudantes de teologia do Instituto Salesiano Pio XI, do Alto da Lapa, exercem trabalhos pastorais. Os jovens do Jardim Calu foram os ganhadores da medalha para melhor letra, com a música

Ele virá, um verdadeiro hino de esperança e um grito de liberdade.

O troféu aos vencedores do VI Festival de Música Cristã, entregue pelo padre Hilário Moser, inspetor da Inspetoria de Nossa Senhora Auxiliadora, teve o significado de incentivar os participantes e demais jovens a continuarem colocando em prática as mensagens de suas músicas, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Para a realização desse festival foi feito um árduo trabalho que contou com a direção e animação do jovem padre Antônio Carlos Altieri, jovens da paróquia Dom Bosco, da capital paulista, Editora Salesiana Dom Bosco, etc. A animação esteve a cargo do animador cristão Artur Miranda, membro da M.E.A.C.

Já está sendo aguardada a participação de outras Inspetorias do Brasil e grupos e comunidades de jovens dos vários Estados, para o próximo Festival de Música Cristã.

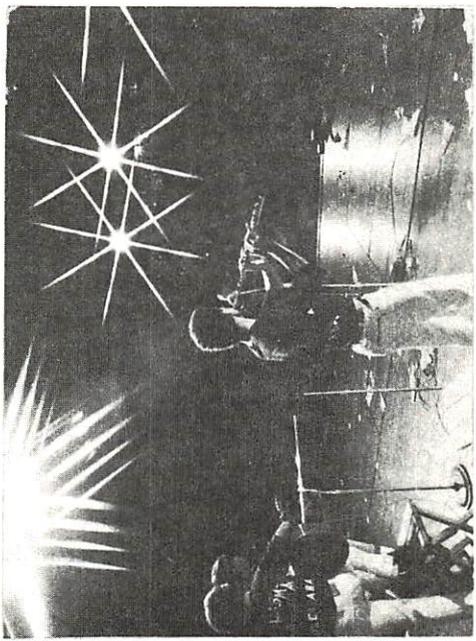
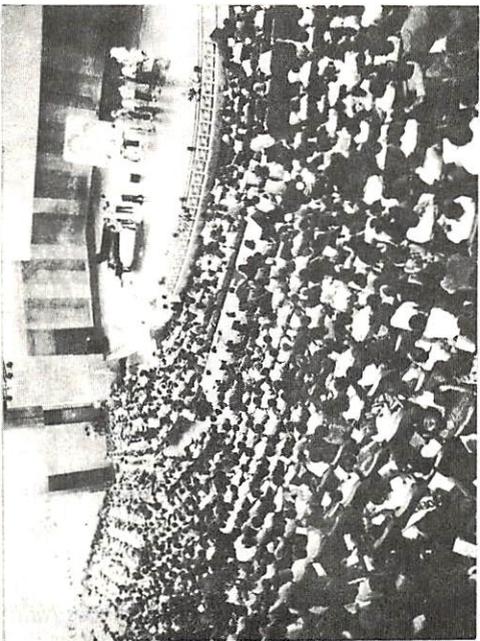
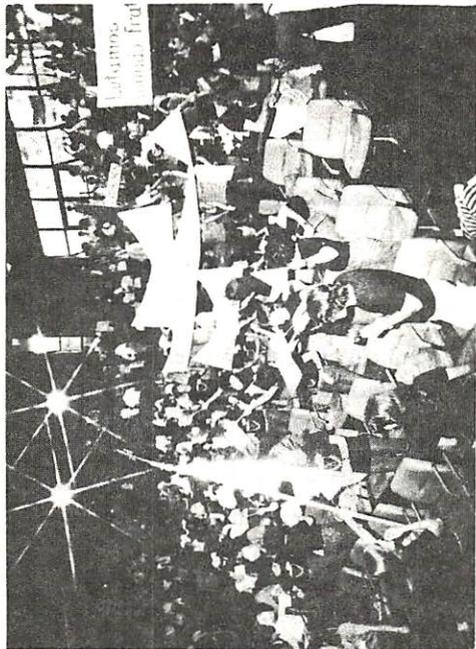
Aqui as letras dos dois primeiros lugares desse Festival de Música promovido pelos Salesianos

Primeiro lugar:
RAÍZES HUMANAS

Autor: Adoniram Martins Renó
Diocese de Pouso Alegre (MG)

Rio nasce na serra
Amor brota no coração.
Semente viva quer terra
Ser humano quer compaixão.
Cada um tem um pouco
daquilo que se chama salvação
Que sacode, que grita,
Que expulsa o que mata a união.

Sentindo a boca ardendo
desejosa de falar
Buscando ser ouvida,
reclamar e até xingar,
Quer a solução para a solidão,
Quer a solução para desolação.
Quer a solução para exploração.
Lá lá lá lá ia lá lá iá...



Garimpando em meu peito
Sertão agreste e não desfeito
Sinto um resto de verdade
a cantar a liberdade

Sem grileiros e nem posseiros,
Sem migrantes e nem mandantes,
Sem colonos nem coronéis.
Lá lá lá lá ia lá iá...



Segundo lugar:

ESPERANÇA

Autor: Grupo de Adolescentes Âncora
Paróquia Dom Bosco — São Paulo

Venham juntos com a gente
o Reino de amor plantar.
Pois ele é como uma semente,
só germina se a gente amar.

“...E venham jovens do bem
e venham amigos também,
prá caminhar confiantes no amor.

E venham jovens do bem
e venham todos também,

para levar a Boa-Nova da paz”.

Nosso mundo está doente,
Carente de amor e paz.
Para salvá-lo deste presente,
A História um exemplo nos traz.

Só amando a gente sente
que o bem, por nossas mãos se faz.
Para que o jovem viva contente
é preciso o amor e a paz.

Contribuição Jovem

LUTASTES E VENCESTES

Tantas obras fizestes
Tanto amor espalhastes
Tantos corações aflitos aliviastes
Tantos jovens acolhestes.

Com tanta força lutastes
Com tanta fé vencestes
Com tanto sofrimento superastes
Com tanto, tanto, que vos chamaram de louco.

Fostes a força da verdade
Fostes a palavra de consolo
Fostes meu facho de luz.

Com a Congregação veio o Centenário
que forte se tornou
através do amor que Dom Bosco doou.

Jacqueline de Magalhães Nallim
13 anos — 8ª série - F

EMOÇÃO

Cantar com a música de “Bailes de Outrora”.

Meu coração nesta hora de luz
Revive momentos sublimes de amor.
Dom Bosco a rezar e o mundo em flor,
Seu jeito de amar muita coisa traduz...

Se o jovem infeliz seu caminho cruzou,
Jamais seu calor, sua morada deixou.
Com fé, esperança, sua vida guiou,
A beleza da força nem o tempo levou.

Ref.: Vamos cantar, neste dia feliz
Aquele tempo de amor, doação,
No encantamento de alma que diz:
Oh. Dom Bosco, minha emoção.

Dom Bosco, sua paz, sua compreensão,
Iluminou caminhos, abriu corações,
Se a vida surpresa, espinhos lhe mostrou,
A ajuda do Pai, o seu Senhor, buscou.

Ref.: Vamos cantar, neste dia feliz...

Elizabeth



FIORETTI

Padres Aposentados?

“Padres aposentados?”

Em 1872 Dom Bosco esteve em Genna para uma visita rápida. O P. Amadei, um dos seus biógrafos, assim narra o episódio:

“Entre outros, foi visitá-lo o Cônego Ampugnani que morava em Marassi e o havia ajudado a comprar o Colégio de Alássio.

Dom Bosco lhe perguntou:

—E agora o que faz?

—Eu? nada; repouso.

—Como, o senhor repousa? O senhor é forte, sadio e ainda jovem.

—Trabalhei muitos anos na América, e agora descanso.

Dom Bosco ficou muito sério:

—Não sabe o senhor que o repouso do Padre é o paraíso? E que prestaremos a Deus contas rigorosas pelo tempo perdido?

—O Cônego ficou tão impressionado por aquelas palavras que não acertava por onde sair. No dia seguinte foi à casa salesiana e pediu ao diretor que o deixasse pregar, dar aula de música etc...

Dom Bosco — exclamou, disse-me palavras terríveis”.

★ ★ ★

Encontrou-se também, com o Superior Geral dos “Mínimos de São Francisco de Paula”, homem doutíssimo, reduzido a pároco.

Dom Bosco o cumprimentou com muito respeito e lhe disse:

—Quem sabe quanto trabalho terá como superior geral da Ordem.

—Na verdade, Dom Bosco, pouco ou nenhum. Sabe? somos poucos.

—Quantos noviços tem?

—Nenhum.

—E quantos estudantes?

—Nenhum.

—Como é? — o rosto de Dom Bosco ficou gravemente sério, sua palavra vibrava. E o senhor não faz tudo o que pode estar ao seu alcance para impedir o colapso de Uma Ordem tão benemérita da Igreja, a qual ainda não cumpriu a missão pela qual foi fundada pelo seu Fundador, e que possui tantas profecias gloriosas que devem cumprir-se?

—Mas, não se encontram vocações.

—E se o senhor não encontrar vocações na Itália, vá à França, à Espanha, à América, à Oceania. O senhor tem uma responsabilidade gravíssima, grandes contas a prestar a Deus. Quantas fadigas, quantas dores teve que suportar São Francisco de Paula para fundar sua Ordem. E o senhor permitirá que se percam tantas orações, tantas fadigas, tantas esperanças?

O Padre Geral sentiu-se aniquilado.

Prometeu que haveria de fazer esforço para encontrar novas vocações.

(Bosco, Teresio. *Una biografia nuova* — Don Bosco — LDC — 1980 — págs. 363-4).

Hora de Sino não se discute

... E o Sr. Castelo Branco bateu o sino.

João Messias Castelo Branco era um velho de alvas cãs, professor de Curso primário, porteiro do Ginásio Anchieta e encarregado de dar sinais ao sino para as mudanças de aula e para a hora do almoço e do jantar.

Certa feita, no tempo das férias, não havia, naquele dia ninguém em casa, a não ser o Padre Guilherme Müller.

À hora do almoço, passava o Padre rumo ao refeitório, quando o Sr. Castelo o interpelou:

“Padre Guilherme, já está na hora do almoço e não há ninguém em casa senão o senhor; bato o sino ou não bato para o almoço?”

— Não precisa bater, Sr. Castelo; estou só eu em casa e já estou indo para o refeitório: não precisa bater.

— Mas eu bato. E bateu cinco sonoras pancadas no sino dando o sinal para o almoço...

O Sr. Castelo Branco tinha razão. Hora de sino não se discute. “A voz do sino é a voz de Deus”, dizia-se antigamente.

Avião desce no campo de futebol do colégio

Caro Padre Lobo

Parabéns muito afetuosos pelos seus 50 anos de casamento feliz com a batina, embora seja contra ela, como vestuário... é claro. Que Deus o abençoe, como largueza divina, pelo muito bem que fez, modestamente, nesse meio século de sacerdócio.

Li de uma só tirada as suas *Memórias*. Muitas páginas trouxeram-me emoções e saudades. Revi-me nelas, pois nós, que nascemos em “cidades mortas”, que nelas vimos transcorrer os melhores dias de nossa existência, somos todos mais ou menos parecidos, em nossos desejos, anseios, esperanças... e pecados da infância e da juventude. Todos somos um pouco poetas e seresteiros, um pouco pequenos ladrões eternos de jabuticabas...

Gostei de sua sinceridade, de sua franqueza. Das pessoas com quem convi-

veu, fez o elogio correto e na medida correta. Como isto hoje é raro. Como se a verdade não devesse ser dita, sempre...

Só tenho uma restrição às suas “Memórias”: curtas demais. Muito resumidas. Passagens, fatos, “casos”, traquinagens, aventuras, episódios históricos, muita coisa interessante, de que Padre Lobo foi protagonista ou espectador, tudo ficou no olvido, injustificavelmente. E o prejuízo foi nosso, de seus amigos, parentes, ex-alunos. Prejuízo para a história e folclore goianos. Esta a única e afetuosamente crítica.

Veja, por exemplo: O Padre Lobo poderia ter contado, à página 40, o seguinte fato gostoso. O avião desceu, desnorteado, mais ou menos, às 13 horas, no momento em que *seu* Castelo batia o sino para a entrada dos alunos para “estudo” da tarde. A descida do avião do CAN destruiu, num instante, a disciplina do Ginásio Anchieta. E Padre Lobo, conselheiro

escolar (o homem feroz dos colégios salesianos...) foi o primeiro indisciplinado: meteu a batina nos bolsos dela mesma, deixou ver as calças (raramente visíveis) e saiu na carreira estrada abaixo, seguido pela menina, para ver de perto o avião, coisa nunca vista de perto. Seu Castelo fi-

cou batendo o sino inutilmente... É claro que ninguém foi punido pelo Padre Pian. Teria que começar o castigo pelo seu conselheiro escolar.

Com toda estima, o ex-aluno,
José Sisenando Jayme



CIDADE LIVRE

Sou testemunha do crescimento da Cidade Livre-Núcleo Bandeirante de Brasília.

Reguei o terreno para a Igreja local. Fiz a primeira Festa de Nossa Senhora Aparecida, levando no andor uma imagem de Nossa Senhora de Fátima.

Benzi casas na localidade. Fiz o primeiro casamento e os primeiros batizados.

Percorri suas ruas a bater uma campainha.

Numa dessas batidas, barrou-me o passo certo cidadão, a me interrogar assustado:

Que vem a ser isso? alguma penitência?

— Nada disso. Estou chamando o povo para assistir à Santa Missa Dominical. Desça até ali ao Cinema, e você assistirá ao Santo Sacrifício... —

Oswaldo Sérgio Lobo: “Memórias”
pág. 52.

Getúlio Vargas na Capelinha Salesiana

Quem se lembra?

Realmente, talvez, muito poucos saibam de um fato que, se não foi ainda escrito na história da Paróquia Salesiana de Dom Bosco do Instituto P. Luis Zanchetta (Riachuelo), deveria sê-lo agora, muito embora tenha ocorrido há tanto tempo.

Eu era menino; também não me lembro com exatidão a data, mas estava na idade aproximada do então garoto Lutero

Vargas, quando sua mãe — na época primeira Dama do País, Da. Darcy Vargas — e os demais membros da família presidencial, foram assistir à Missa em ação de graças que mandaram celebrar, por terem escapado com vida, de um sério acidente: enorme pedra rolara sobre seu carro e apenas Da. Darcy sofrera ferimento numa das pernas.

A Misa deveria ser celebrada numa modesta capela e sem qualquer aviso público. Assessores presidenciais indicaram

a Igreja dos Padres Salesianos – hoje Paróquia São João Bosco – na colina da Rua P. Luiz Zanchetta, subúrbio carioca do Riachuelo.

Não houve divulgação mas eu soube; eu era do Oratório Festivo e do Pequeno Clero.

Assim, bem perto dos registros, não foi difícil falar também em casa. Eu e alguns outros membros de minha família,

estivemos entre os poucos que puderam assistir aquela Santa Missa, sem dúvida alguma, histórica.

Guimarães Neto
Ex-Aluno

Nota:

O desastre aconteceu na Rio-Petrópolis e causou a morte do conhecido escritor Ronald de Carvalho. ■

CONSELHO DE UM COMUNISTA

Um dirigente comunista hindu enviou uma carta a um grupo de sacerdotes missionários da Índia, carta esta publicada pela revista italiana **Mondo e Missione**, na qual diz textualmente:

“Nós comunistas achamos que vós, sacerdotes católicos da Índia, estais pelo menos com duzentos anos de atraso e desconheceis os modernos sistemas de comunicação e de difusão das idéias.

Com o vosso dinheiro vos dedicais a fundar instituições; nós publicamos livros e periódicos.

Vós abris escolas, formais e ensinais os meninos a ler e escrever, porém depois não lhes dais nada para ler. Nós é que lhes damos tudo, desde o jornal mural até o periódico; desde o livro até o folheto apropriado a cada idade e a cada situação. Tendes muita imprensa piedosa mas pouca imprensa de idéias.

Tendes tipografias, mas as usais sobretudo para ganhar; nós usamos para propaganda. Vós distribuís leite em pó ao povo; nós distribuímos idéias. Vós vos preocupais de encher estômagos; nós as mentes. Dizeis que são as idéias que governam o mundo, entretanto não as difundis. Vós já perdestes a batalha das idéias, em todo mundo e em toda a Índia.

No plano das idéias, nós vos vencemos porque criamos a opinião pública, enquanto vós sois incapazes de fazê-lo.

Deveríeis investir cem vezes mais nos meios de comunicação social, publicando folhetos, esquemas de discussão, revistas de qualquer tipo e empregar mais pessoal na formação da opinião pública.

Creio que meu conselho vale milhares de moedas de ouro e mereço ser expulso do partido por tê-lo dado”.

NOTÍCIAS E CORRESPONDÊNCIA

As últimas estatísticas indicam que há no Brasil 39 000 religiosas; 8 000 sacerdotes religiosos e 3 000 religiosos irmãos. Isso significa que temos no Brasil 50 000 pessoas consagradas pelos votos, agregadas a alguma ordem ou congregação. (CIC)



Diminui nas Escolas a presença da Igreja: Sério problema educativo.

A Sagrada Congregação para a Educação Católica entregou um documento a todas as Conferências Episcopais, onde chama a atenção para a diminuição da presença de sacerdotes e religiosos nas Escolas, principalmente de 1º e 2º graus. "A Igreja não pode deixar de lamentar a diminuição do pessoal religioso que atingiu a escola católica, especialmente em alguns países", diz o documento. As causas para esta diminuição, segundo o documento, não são somente a escassez de vocações ou a urgência de outras exigências apostólicas, "mas também a teoria errônea de que a escola já não seria mais um campo adequado para a pastoral da Igreja". (Vaticano - CIC).



Vocações: é sempre tempo de chamada. O general granadeiro Gianfranco Maria Chiti trocou o seu uniforme militar pelo monacal. Chiti foi ordenado sacerdote em setembro último após alguns anos de preparação no mosteiro de São Mauro perto de Rieti. Ser sacerdote era seu grande de-

sejo. Numerosos companheiros militares participaram das cerimônias de Ordenação na catedral de Rieti. (Rieti - Itália - CIC).

Lembrar: Dom Bosco fundou a Obra para Vocações Adultas, os "Filhos de Maria" que deu à Congregação muitas e preciosas vocações.



Cresce número de vocações nos Estados Unidos.

O Centro de Investigações Aplicada ao Apostolado informa que os seminaristas teólogos dos Estados Unidos são mais de 4 000 neste último curso, o que supõe um crescimento de 5% sobre os do curso anterior.

Nas 54 escolas católicas de Teologia dos EUA há 4 109 seminaristas estudando para o Sacerdócio, dos quais 2 742 são diocesanos e 1 297 pertencem a diversas Ordens e Congregações. Também os noviciados de Ordens e Congregações religiosas tiveram um pequeno aumento. Embora pequeno, é a primeira vez que, em 16 anos, há um crescimento das vocações nos EUA, que vieram decrescendo desde 1966.



Ser jovem no Terceiro mundo.

Entre 5 e 19 de setembro de 1982, realizou-se, em Bad-Gosdesburg (Bonn, Alemanha), um seminário de estudos sobre a condição juvenil no Terceiro Mundo. A

Fundação alemã Konrad Adenauer, que possibilitou concretamente a realização do Seminário, a Procuradoria Salesiana das Missões de Bonn e a Universidade Salesiana de Roma promoveram a iniciativa. A Convenção, que reuniu os estudiosos salesianos do problema mais eminentes, vindos de todo mundo, teve por finalidade estudar a problemática emergente da situação juvenil nos Países da América Latina, com a ajuda dos instrumentos oferecidos pela análise sociológica mais correta e pelo contributo específico de cada encontrista que, refletindo sobre experiências pessoais vividas na própria terra, apresentavam seus limites e perspectivas em vista de uma programação mais eficaz do trabalho social educativo e pastoral salesiano.

Os jovens, com efeito, foram considerados, em base às indicações de Puebla, como destinatários privilegiados tanto da política de desenvolvimento, como da mesma educação cristã. Todas as intervenções dos encontristas se orientaram neste duplo sentido.

O seminário dos participantes — entre os quais havia o Magnífico Reitor da Universidade Salesiana, Padre Rafael Fari-

na, o Conselheiro Geral da Pastoral Juvenil Salesiana, Padre João Vecchi, o Procurador das Missões de Bonn, o Padre Karl Oerder, o Doutor Willy Erl, da Fundação Adenauer — foi considerado substancialmente positivo. Isto, principalmente pela riqueza dos assuntos e pela apresentação crítica das experiências de trabalho juvenil realizadas pelos salesianos na América Latina.

Ao término dos trabalhos, da parte da Fundação Adenauer foi anunciado que a mesma tencionava patrocinar, sempre em colaboração com a Procuradoria Salesiana de Bonn e a Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, Seminários semelhantes sobre a condição juvenil da Ásia e da África.

☆ ☆ ☆

Gerações de Cooperadores Salesianos.

É o caso da Família Gamberucci de Roma: “salesiana” de muitas gerações. A sete de maio reuniu-se em torno do patriarca “vovô” Guido, de 95 anos, com o filho Vitoriano de 58 anos, o neto João de 27 e tendo nos braços Clara, bem miúda mas que, como vovó Vanda e tia Marilena, será, sem dúvida uma grande cooperadora.

Longevidade Média dos Salesianos

P. J. V. de Vasconcellos

No ano em que se comemora o 1º centenário da Obra Salesiana no Brasil, não será destituída de interesse uma indagação sobre a longevidade dos Salesianos. Para que se possa ter quadro completo e comparativo, será oportuno levantar-se também a média etária dos Salesianos em todo o mundo, desde a fundação da Congregação (1859) até o final de 1980.

Nem pareça fora o propósito falar de morte em plena comemoração centenária. Enquanto os indivíduos, mortais e de duração limitada, têm horror de numerar

seus anos, as instituições celebram com gozo seus centenários, com ânsia de celebrar milênios. Como se a anciania lhes dera prova de crescente juventude.

Para efeito de método, convencionou-se dividir o tempo em décadas; para a obtenção das médias somaram-se as idades dos falecidos no período e se dividiu o total pelo número dos mortos. O arredondamento dos resultados obtidos se fez dentro dos processos usuais em estatística.

Eis os quadros:

| LONGEVIDADE DOS SALESIANOS NO MUNDO | | |
|--|-------------|----------------------------|
| (DESDE 1864 ATÉ DEZEMBRO DE 1980) | | |
| PERÍODO | IDADE MÉCIA | Nº DE SALESIANOS FALECIDOS |
| 1864 a 1900 | 29 anos | 404 |
| 1901 a 1910 | 35 anos | 370 |
| 1911 a 1920 | 40 anos | 483 |
| 1921 a 1930 | 46 anos | 603 |
| 1931 a 1940 | 51 anos | 1 229 |
| 1941 a 1950 | 55 anos | 1 369 |
| 1951 a 1960 | 65 anos | 1 165 |
| 1961 a 1970 | 66 anos | 1 372 |
| 1971 a 1980 | 73 anos | 1 664 |
| NOTA | | |
| Número de Salesianos (incluídos os Noviços) em 31.12.1980: | | 17 286 |
| Número de Salesianos falecidos, de 1864 até 31.12.1980: | | 8 659 |

LONGEVIDADE MÉDIA DOS SALESIANOS NO BRASIL
(DESDE A FUNDAÇÃO DA OBRA, EM 1883, ATÉ DEZEMBRO DE 1980)

| PERÍODO | IDADE MÉDIA | Nº DE SALESIANOS FALECIDOS |
|-------------|-------------|-------------------------------|
| 1883 a 1900 | 27 anos | 17 |
| 1901 a 1910 | 34 anos | 34 |
| 1911 a 1920 | 44 anos | 45 |
| 1921 a 1930 | 44 anos | 56 |
| 1931 a 1940 | 56 anos | 78 |
| 1941 a 1950 | 59 anos | 84 |
| 1951 a 1960 | 63 anos | 118 |
| 1961 a 1970 | 68 anos | 156 |
| 1971 a 1980 | 70 anos | 82 |

NOTA

Número de Salesianos (incluídos os Noviços) em 31.12.1980: 968

Número de Salesianos falecidos, desde 1883 até 31.12.1980: 670

Observações:

1. Poderá parecer quase inexplicável a média extremamente baixa do primeiro período pesquisado (dos inícios até 1900) tanto na Obra do Brasil quanto na Congregação inteira: — 27 e 29 anos, respectivamente. Talvez o fenômeno se explique pela grande precariedade, nos inícios da Obra, de condições de habitação e alimentação e também pelo excesso de trabalho, tudo isso somado à extrema juventude dos salesianos de então.

Para melhor entendimento do fato, leiamos juntos uma página da vida de Dom Bosco sobre a abertura do primeiro colégio fora de Turim. “Em 1864 foi

aberto o colégio de Lanzo. Dom Bosco mandou para lá como diretor o P. Rufino (24 anos) e sete clérigos. A pobreza e esqualidez foram as companheiras dos primeiros meses. Escreve o Cl. Sala, que seria mais tarde Ecônomo Geral da Congregação: ‘Locais despojados e nus, paredes semi-arruinadas; não havia mesas nem cadeiras. Givone preparou o rancho (sic) e o devoramos, servindo de mesa, sobre dois cavaletes, uma porta caída do marco. As janelas sem vidro foram tapadas, como se pôde, com toalhas e cobertores. Dormimos sobre a palha’.

Em março, doença agravada por estafa reduziu o Cl Provera à completa inatividade; em julho, vitimado por tuberculose,

faleceu o jovem diretor. O colégio ficou confiado aos seis clérigos supérstites. 'Como trabalhávamos, recordava o P. Sala. Não queríamos que se dissesse que o colégio andava mal porque confiado só a clérigos'. No ano seguinte o P. Lemoyne foi designado novo Diretor e as coisas começaram a melhorar" (*Bosco, Teresio, Dom Bosco*, pág. 329).

Foram também heróicos os inícios no Brasil: os fundadores da obra em Niterói com os primeiros dias a pão, queijo e rapadura, e em precaríssimas condições de habitação. Em Cuiabá — recordava, já venerando, o P. Artur Castells — os primeiros salesianos passaram os primeiros dias a manga e bananas. Naturalmente, com o encaminhar-se da obra, as condições de habitação, alimento e trabalho foram melhorando por toda a parte.

2. As fontes para este trabalho foram: *Necrológio Salesiano*, para os oito primeiros períodos, e os *Atos do Conselho Superior*, para a década de 1970-1980. Foram pesquisadores para o período de

1864 a 1950, os estudantes de Filosofia do Colégio São João del-Rei (pesquisa feita por ocasião da carta mortuária do Cl. José Rafael da Fonseca, falecido em 1952, aos 19 anos de idade); para o período de 1951 a 1980, Eneida Teresinha Carrara de Mello (cooperadora salesiana) e Ismar Luiz de Carvalho (pesquisa feita no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa, de Barbacena, em janeiro de 1983).

N.B.:

(A Sociedade Salesiana foi fundada no dia 18 de dezembro de 1859 — Eram 17 membros:

01 padre — Padre Alasonatti

15 Clérigos

01 Estudante

Miguel Rua era ainda clérigo — subdiácono — Foi eleito diretor espiritual.

Em 1864, a 23 de julho recebeu de Roma o "Decreto de louvor" equivalente ao seu reconhecimento e aprovação jurídicas por parte da Santa Sé. ■

(Nota da Redação)

Um Mundo só: "Salesiano"

"Boa-Noite" de Ivan M. Vianna

(Boa Noite proferida pelo Ex-Aluno Ivan Martins Vianna, aos Salesianos em retiro, no dia seis de janeiro de 1983, em Cachoeira do Campo).

Meus amigos salesianos, irmãos em Dom Bosco.

Ex-aluno desta Casa Salesiana, dos anos de 1931 a 1933, eternamente grato aos filhos de Dom Bosco, pela educação aqui recebida, ao visitar mais uma vez o meu colégio, a primeira visita nesta Ano da Graça (mesmo com FMI, Delfins, Galvêas etc...) de 1983, fui surpreendido por um

convite de um velho mestre e querido ex-professor, P. Roque dos Santos, para que proferisse esta "Boa Noite" aos Salesianos em Retiro.

Prática salesiana das mais salutares, instituída há mais de 100 anos pelo próprio Dom Bosco, a "Boa Noite", como a conheci, era proferida apenas pelos Sacerdotes Salesianos. Uma vez (há 51 anos...),

quando convidaram um padre não salesiano (era diocesano), para fazê-lo, aos alunos do Dom Bosco, ele chegou à porta da sacristia, arredou com as mãos a cortina e gritou com toda a força de seus pulmões: “Boa Noite, pessoal.” E foi aquela gargalhada geral que não pôde ser contida nem pelo P. Alcides nem pelos olhares sisudos do saudoso e venerando Padre Braz...

Com a vossa permissão e de meu velho mestre de Francês, Inglês, Química e Física (Chimica com Ch e Física com Ph e y), Padre Roque, eu daria a esta “Boa Noite”, o título de “Um mundo só: salesiano”.

Pelas minhas andanças por este mundo, 35 países e 5 colônias, em 40 anos, quando fui muitas vezes chamado pelo Padre Alcides de “Inspetor leigo” ou “Globe Trotter Salesiano”, o que eu pude observar, acima de tudo, foi aquela **Unidade Salesiana**, a qual chamaria de “Salesianidade”, em todos os 79 Colégios que visitei, em 12 Países: Brasil, 48; EE. Unidos, Canadá, França, Inglaterra, Itália, Portugal, Espanha, Alemanha, Holanda, Japão, Colômbia, Argentina, Uruguai, Marrocos, Peru...

Um Vice-presidente dos Estados Unidos, Wendell Wilkie, em 1914 (Vice-presidente de Franklin Delano Roosevelt), durante a II guerra mundial escreveu um livro “One World” (Um mundo só), no qual falava de Países em guerra, de armamentos, destruições, acordos, mobilizações para a guerra etc. “No Mundo Só-Salesiano”, porém, o velho ex-aluno salesiano de Cachoeira do Campo, encontrou apenas paz, harmonia, tranqüilidade e uma acolhida fraterna dos Salesianos para com um Ex-Aluno de outro País, de outra Casa, de outro Estado...

Conversando com Ex-Alunos Salesianos dos diversos países que visitei, notei que todos falam “a mesma língua”.

Sabemos de cor os nomes dos Reitores que sucederam a Dom Bosco, do P. Miguel Rua ao atual, P. Egídio Viganò. Sabemos do sonho de Dom Bosco de 1883, quando ele “viu Brasília”, na quarta geração... Sabemos as histórias de Bartolomeu Garelli, de Domingos Sávio; as travessuras de Miguel Magone, a religiosidade de Francisco Besucco... Muita coisa sabemos sobre Turim, sobre o Cottolengo, Rebaudengo, “La Crocetta”, Asti, Castelnuovo, Mondonio, Monferrato; sobre os Becchi, Valsállice.

Sobre Mamãe Margarida, o irmão Antônio, sobre Dom Cafasso, Dom Colosso, Pinardi, (a Capela Pinardi), Valdocco, a Marquesa Barolo etc.

Em todas as Casas Salesianas que visitei nas minhas longas andanças de “Inspetor Leigo” (como dizia o P. Alcides), sempre encontrei a acolhida fraterna e cordial própria do espírito de Família como Dom Bosco queria...

Tive que “escrever” esta “Boa Noite”, porque a emoção e a memória de quem é emotivo e já passou a casa dos 60 anos, poderia trair... e o “Um Mundo só: Salesiano” ficaria muito resumido, num “Boa Noite” só.

Perdoem, com o auxílio da boa alma salesiana, este “mal-alinhavado” relatório de um velho ex-aluno que teima, depois de tantos anos, em continuar visitando casas salesianas, vendo em cada uma, a continuação da Casa dos Becchi, da Capela Pinardi, de Valdocco, de Asti. Vivendo, no começo de cada ano, pelo **Boletim Sa-**

lesiano que recebo há 36 anos seguidos (sem uma falha), as emoções de cada "Strenna" - Estréia - Lembrança anual do

Reitor-Mor. E é com muita emoção que neste instante lhes desejo e peço a todos uma "Boa Noite". ■

Neste Ano Vocacional, não podemos deixar de mencionar o que São João Bosco fez em favor das vocações sacerdotais e religiosas.

Primeiramente alguns ditos sobre a vocação. "A Vocação é uma pedra preciosa. É a pedra preciosa de que fala o Evangelho; um homem a procura, a encontra e para obtê-la vende tudo quanto possui. Se alguém tem um diamante, guarda-o cuidadosamente para não perdê-lo. Assim também devemos fazer com a Vocação". "Todas as solitudes dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora devem ser empenhadas no cultivo das Vocações Sacerdotais e Religiosas". "Lembremo-nos de que damos um presente valiosíssimo à Igreja quando nos interessamos por uma boa vocação. Quer esta vocação vá trabalhar na diocese, quer nas missões ou numa congregação religiosa, não importa. É sempre um grande tesouro que presentecemos à Igreja de Cristo".

O desejo mais ardente de Dom Bosco até os últimos momentos de sua vida, foi o de formar muitos santos e sacerdotes. Ele dizia: "Um filho sacerdote é o maior presente que Deus pode dar a uma família".

São João Bosco também agiu. Em 1873, dos 150 alunos do Seminário Maior de Turim, 120 vieram do Oratório de Dom Bosco; em 1870, três quartos dos padres da diocese de Casale eram ex-alunos de Dom Bosco. Em 1870, Dom Bosco escreve numa carta: "Neste ano 300 alunos dos nossos colégios, terminado o ginásio, entraram nos seminários. Para os seminários diocesanos: 185; para os salesianos: 80; como missionários: 20; para várias ordens religiosas: 15. O biógrafo de Dom Bosco não errou, quando calculou em 6 000 os sacerdotes encaminhados por Dom Bosco, diretamente ou através de seus colégios, durante a sua vida. Dom Bosco escreveu: "Graças sejam dadas ao Senhor e à sua Mãe Santíssima que abundantemente nos forneceram os meios para este grande bem".

Finalmente um conselho: "Oh! se soubéssemos quanto vale uma vocação.

Não deixemos de aceitar nenhuma vocação por ser de família pobre; se nos interessamos pelas vocações, a Divina Providência se interessará por nós; às vezes passaremos momentos difíceis, mas Deus jamais nos abandonará. Dizei e repeti sempre: as vocações, mesmo as pobres, farão rica a Congregação Salesiana".

De **O Lar Católico** — 30/01/83 —
"Dom Bosco, o Taumaturgo do século XIX".

Í N D I C E

- 01 - Editorial
- 03 - Vocações: Impasse ou Desafio? P. Marcello de C. Azevedo, SJ
- 16 - Dom Bosco Pensava Assim
Do seu Testamento Espiritual
- 18 - Nossa Senhora do Sistema Preventivo
Jogral em honra de Nossa Senhora Auxiliadora P. Benevides
- 21 - Eles Construíram a Nossa História
Dom Orlando Chaves D. Bonifácio Piccinini
Padre Fuchs e Padre Sacilotti P. J.B. Duroure, SDB
- 32 - Uma Idéia Genial de Dom Bosco
O Coadjutor Salesiano Boletim Salesiano do Uruguai
Leigos Consagrados em Estilo Salesiano Raimundo R. de Mesquita
- 37 - Significado Histórico da Presença dos Salesianos no Brasil
A Organização dos Ex-Alunos Salesianos Riolando Azzi
- 42 - As Missões do Rio Madeira
A Prelazia de Porto Velho Dom Miguel D'Aversa
- 44 - Conheçamos a Família Salesiana
O Instituto dos Sagrados Corações de Jesus e Maria
Jovens Cooperadores a Serviço dos Jovens Annabel Clarkson
- 47 - Niterói Salesiana Centenária
A Casa de Niterói, entre um Século e Outro P. Luís Marcigaglia
- 49 - Presença Jovem
Festival de Música Cristã F. de A. Monteiro
- 54 - Fioretti
Padres Aposentados? Terésio Bosco
Hora de Sino não se discute Oswaldo S. Lobo
Avião no Campo de Futebol J. Sizenando Jayme
Cidade Livre Oswaldo S. Lobo
Getúlio Vargas na Capelinha Salesiana Guimarães Neto
- 58 - Notícias e Correspondência
- 60 - Vária
Longevidade Média dos Salesianos P. J.V. de Vasconcellos
Um Mundo Só: "Salesiano " Ivan M. Vianna

ERRATA—CORRIGE: Na página 8 do número anterior, na segunda linha do quarto parágrafo do segundo inciso, na coluna dois, onde se lê **Texto**, leia-se **Terço**.

